

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**O Sentido Subjetivo da Sexualidade na  
Terceira Idade**

Ana Velasco Remigio Coelho

Goiânia  
Novembro de 2006

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

## **O Sentido Subjetivo da Sexualidade na Terceira Idade**

Ana Velasco Remigio Coelho

Dissertação apresentada ao Programa de  
Mestrado em Psicologia da Universidade  
Católica de Goiás, como exigência parcial para  
a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vannúzia Leal A. Peres.

Goiânia  
Novembro de 2006

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**Folha de Avaliação**

Autor: Ana Velasco Remigio Coelho  
Título: O Sentido Subjetivo da Sexualidade na Terceira Idade

Banca Examinadora:

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vannúzia Leal A. Peres  
Universidade Católica de Goiás – UCG

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Isolda de Araújo Günther  
Universidade de Brasília - UnB

---

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Sebastião Benício da Costa Neto  
Universidade Católica de Goiás - UCG

Suplente:

---

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Saturnino Pesquero Ramom  
Universidade Católica de Goiás - UCG

Nota Final: \_\_\_\_\_

Goiânia  
Novembro de 2006

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus e aos meus pais, que me deram a vida, sem a qual não teria esta oportunidade.

Ao meu marido e filhos, que compartilham comigo meus ideais e os alimentam incentivando-me a prosseguir sejam quais forem os obstáculos e suportando os sacrifícios impostos pela situação.

## **Agradecimentos**

- Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado condições físicas, psicológicas e espirituais, para alcançar esse objetivo que tanto almejei durante a vida.
- A Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vannúzia Leal A. Peres pelo apoio intelectual, por sua incansável paciência, respeito, cordialidade, receptividade e estímulo. Sempre atenta em desempenhar com máxima seriedade, segurança e competência o seu saber, através da eficiência e eficácia de suas orientações. E também por ter me dado à satisfação de dizer que cresci muito ao longo do trabalho.
- Ao Prof<sup>º</sup>. Dr<sup>º</sup>. Saturnino Pesquero Ramom e o Prof<sup>º</sup>. Dr<sup>º</sup>. Sebastião Benício da Costa Neto, muito obrigado por aceitarem participar da banca de qualificação, proporcionando-me novas reflexões, críticas e sugestões.
- A Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Isolda de Araújo Günther por se disponibilizar a participar da banca examinadora deste trabalho, pois tenho certeza que suas contribuições serão de grande valia.
- Ao Prof<sup>º</sup>. Dr<sup>º</sup>. Sebastião Benício da Costa Neto por ter aceitado fazer parte da banca examinadora trazendo enriquecedoras reflexões.
- Aos meus alunos-sujeitos, da terceira idade, por terem me dado a oportunidade de aprender na prática o que foi escrito nesta dissertação, meu eterno respeito e amizade, por confiarem em mim, pelo carinho e paciência dedicado ao longo das entrevistas, por se disponibilizarem a construir conosco os conhecimentos produzidos nesse trabalho.
- Ao meu querido companheiro Hermógenes, grande incentivador e patrocinador dos meus estudos pelo apoio para que pudesse terminar mais essa jornada e também eterno mestre de como se pode viver e morrer com dignidade.

- Aos meus queridos filhos, Roberto e Marília, fragmentos de mim mesmo, que de alguma forma perpetuarão a minha história. Pelo carinho e respeito que sempre tiveram por mim e pelos meus trabalhos e estudos.
- A minha querida mãe, Guinha, que me ensinou a compreender e encantar com a terceira idade devido aos bons exemplos e belo modelo de velhice, que durante toda a sua existência me proporcionou a viver bem com as pessoas e com a vida.
- A minha sobrinha Juliane, pelo apoio e colaboração por ter me ajudado todas as vezes que a procurei, me atendendo sempre de forma carinhosa.
- Ao meu genro Fábio e minha nora Lorena, que me tratam com muito carinho e respeito.
- A Liliane Orsoni, colega de mestrado por compartilhar comigo as alegrias e as angústias durante o processo de construção deste trabalho com compreensão, amizade e apoio.
- A minha cunhada Terezinha pelas orientações recebidas nas dificuldades de digitação.

## Sumário

Resumo.....	viii
Abstract .....	ix
O Sentido Subjetivo da Sexualidade na Terceira Idade .....	1
Capítulo I – Envelhecimento: Um Processo Dialético Complexo .....	5
Capítulo II – Sentido Subjetivo da Sexualidade na Terceira Idade: Uma Questão Complexa .....	19
Capítulo III – Método .....	33
Capítulo IV – Processos de Construção e de Interpretação das Informações .....	43
Considerações Finais.....	102
Referências Bibliográficas .....	108
Anexo 1 – Completamento de Frases .....	113

## Resumo

Este estudo objetivou compreender a constituição do sentido subjetivo da sexualidade na terceira idade, baseando-se na teoria da subjetividade de González Rey e na psicologia histórico-cultural de Vygotsky que estuda a história do sujeito em desenvolvimento. Utilizou-se o método qualitativo cujos princípios são: o conhecimento é uma produção construtiva-interpretativa; a produção tem caráter interativo; a singularidade tem um nível legítimo de produção do conhecimento. Os sujeitos foram três alunas e um aluno da Universidade Aberta à Terceira Idade-Universidade Católica de Goiás (UCG). Os instrumentos utilizados foram a dinâmica de conversação e o completamento de frases. Como principal resultado, observou-se que a sexualidade na terceira idade está implicada com os sentidos subjetivos gerados pelo sujeito ao longo de sua vida, podendo ser experimentada como: saúde, auto-estima, realização pessoal, afetividade e companheirismo, naturalização do declínio do desejo sexual ou até mesmo exclusão da atividade sexual. Concluiu-se, portanto, que o processo de desenvolvimento da sexualidade na terceira idade é singular.

Palavras-chaves: sexualidade, subjetividade, desenvolvimento humano, terceira idade.



### **Abstract**

This study had as its aim to understand the constitution of the subjective sense of sexuality in elderly persons, supported by González Rey's subjective theory and Vygotsky's historic-cultural psychology. Both approaches the history of the developing person. The qualitative method was utilized, whose principles are state as follows: knowledge is a constructivist-interpretative production; production has an interactive character; the singularity has a legitimate level of the knowledge production. Three female and a male students from the Third Age Open University-Goiás Catholic University (UCG) were extensively interviewed. The instruments used were: dynamic conversation and sentence completion. As its main result it was observed that the sexuality in persons with 60 years of age and over may be tangled with the subjective sense generated by the person in the trajectory of his/her life and can be experienced as: health, self-esteem, personal achievement, affectivity and fellowship, naturalization of the decline of the sexual desire or, ever, the exclusion of sexual activity. It was concluded therefore, that the process of sexuality development in the elderly is singular.

**Key words:** sexuality, subjectivity, human development, elderly persons.

## **O Sentido Subjetivo da Sexualidade na Terceira Idade**

Este início de século está sendo marcado por transformações importantes no mundo e no Brasil, uma delas é o notável crescimento do fenômeno do envelhecimento, com alterações e impactos de suma importância para a vida social, cultural, política, econômica e religiosa de qualquer país.

Do ponto de vista histórico-cultural, conforme Neri (1995), a velhice é jovem porque, tanto científica como socialmente falando, é o período etário menos documentado, ou sobre o qual dispomos de menos conhecimentos. Além disso, populações compostas por um grande número de pessoas idosas são eventos atuais, isto é, têm um advento recente na evolução humana.

No Brasil, o crescimento demográfico da população acima de sessenta anos, designada de Terceira Idade, é uma realidade. Conforme Oliveira (1999), esse crescimento exige maior atenção para a saúde, o transporte, a habilitação e a educação permanente, a fim de que o desenvolvimento intelectual e a integração social dos idosos possam ser realizados.

O envelhecimento da população brasileira representa um fenômeno para reflexão, estimula a realização de estudos sobre como a sociedade está percebendo e convivendo com essa nova realidade, em especial como os idosos estão enfrentando essa situação. O debate sobre o envelhecer está sendo realizado em diversos segmentos da sociedade, tem objetivado subsidiar intervenções sociais que possibilitem melhorias na qualidade de vida dos idosos.

Na tentativa de produzir conhecimento que atendesse a essa temática, este estudo foi realizado a partir da perspectiva histórico-cultural elaborada por

(Vygotsky, 1934/1998, 1984/2002) e da teoria da subjetividade (González Rey, 2002, 2003a,b, 2004a,b,c, 2005a,b).

O presente estudo teve como objetivo geral produzir conhecimento sobre processos de produção de constituição de sentidos subjetivos da sexualidade na terceira idade. Como objetivo específico, buscou-se conhecer a história singular de cada sujeito estudado, bem como seus contextos social e cultural, em que a subjetividade se constitui.

Portanto, o sentido subjetivo da sexualidade na terceira idade, se deu a conhecer por meio de um método qualitativo, comprometido com a epistemologia qualitativa proposta por González Rey (2002), que permite uma visão dialética e complexa da produção de conhecimento, levada em conta na análise das informações advindas dos sujeitos participantes no momento empírico.

O estudo possibilitou a compreensão dos processos de produção de sentidos subjetivos da sexualidade, constituídos na história de cada sujeito participante: seu modo de ser, pensar e agir, ou seja, a sua singularidade.

Vygotsky (1984/2002) afirma que a singularidade do fenômeno só pode ser compreendida nos contextos relacional, processual e histórico em que ocorre. Isto é, em um processo dialético, complexo e contínuo.

A teoria da subjetividade tenta, a partir de uma perspectiva histórico-cultural, dar visibilidade às formas complexas por meio das quais se expressa o psiquismo humano (Martinez, 2005).

Para Morin (2003a), a complexidade tende para o conhecimento multidimensional. Sua proposta não é dar todas as informações sobre um fenômeno estudado, mas respeitam suas diversas dimensões, considerando que o homem é um ser biológico-sociocultural, e que os fenômenos sociais são, ao mesmo tempo,

econômicos, culturais e psicológicos. Segundo este autor, complexo significa o que foi tecido junto, quando elementos diferentes são inseparáveis, constitutivos do todo.

Ainda conforme Morin (1996), algo é complexo quando indica dificuldades para a sua explicação. Para ele, não há uma resposta simples a ser buscada porque nada está isolado no universo e tudo está em relação.

Desenvolvendo a idéia de subjetividade, González Rey (2002) coloca que ela permite ao sujeito gerar processos culturais complexos que modificam o seu modo de vida. Assim, tem legitimidade ontológica, é flexível, versátil e constituinte do próprio sujeito do conhecimento, da sua psique.

Nesta perspectiva, este estudo buscou construir o maior número possível de indicadores, fundamentados nas informações do momento empírico, para que as concepções e expressões dos sujeitos participantes permitissem a compreensão dos sentidos subjetivos da sexualidade do idoso e o reconhecimento do seu desenvolvimento como processo único, caracterizado por transformações qualitativas.

No primeiro capítulo, apresentamos uma revisão da literatura sobre a questão da velhice, indicando uma variedade de conceitos e idéias desenvolvidos sobre ela. Nesse contexto, a dialética complexa do processo de envelhecimento é discutida na perspectiva do desenvolvimento humano. O capítulo dois coloca o leitor em contato com o tema da subjetividade, sua complexidade, sua conceituação, sua relevância e seu lugar no estudo da sexualidade na terceira idade. O método é assunto do terceiro capítulo: suas bases teóricas e epistemológicas e sua compatibilidade com o objeto de estudo. O processo de construção e de interpretação das informações é apresentado no capítulo quarto, quando as expressões dos sujeitos são detalhadas e os

resultados são mencionados. As considerações finais vêm logo em seguida, compondo o último capítulo.

## Capítulo I

### Envelhecimento: Um Processo Dialético Complexo

Segundo Almeida (1999), o homem tem necessidade de criar marcos temporais, para explicar os diferentes períodos do seu desenvolvimento, por meio de idades, fases e etapas. Na visão de Ariès (1981), cada época histórica tem privilegiado uma fase do desenvolvimento humano.

Conforme Almeida (1999), a infância e a adolescência foram tratadas como objetos privilegiados da psicologia do desenvolvimento, durante quase todo século XX, tendo sido estudadas sob diferentes ângulos e enfoques teóricos.

Na metade do século XX, a fase do desenvolvimento do envelhecimento conhecida como terceira idade, passa a ser estudada. Segundo Neri (1995), nesse período tem o início a psicologia do envelhecimento. Almeida (1999) afirma que o crescimento do envelhecimento populacional vem colocar a velhice como um marco importante da vida humana. A velhice torna-se um fenômeno social, transformada em objeto de políticas públicas e de pesquisas científicas, nas diferentes áreas de conhecimento.

Por exemplo, na mitologia e na iconografia, conforme Beauvoir (1970), a velhice se altera segundo as épocas e os lugares. A autora salienta que para compreender a realidade e o significado da velhice é indispensável examinar qual o lugar nela atribuído aos velhos, qual a imagem que deles se tem em diferentes períodos, lugares e cultura.

Conforme Ariès (1981), a evolução da velhice ocorreu em duas etapas: primeiro houve o ancião respeitável, o patriarca de experiência preciosa, de sábios e prudentes conselhos. Mas esse respeito, na realidade, não tem mais objeto, pois em nossa

época, e esta foi a segunda etapa, o ancião desapareceu. Foi substituído pelo “homem de certa idade”, e por “senhores e senhoras muito bem conservadas” (p. 16). A idéia tecnológica de conservação substitui a idéia ao mesmo tempo biológica e moral da velhice.

Cabe ressaltar, contudo, a transformação que o mundo passou no século XX: as alterações nele produzidas exercem uma influência considerável sobre a condição das pessoas da terceira idade e sobre a idéia que a sociedade faz dela. Um fato deve ser notado logo de saída: o extraordinário surto demográfico em todos os países.

Pode-se entender melhor esse fenômeno por meio da demografia que estuda as tendências das mudanças das populações e as técnicas para medi-las. Segundo Bacelar (1999), interessam à demografia questões como a mortalidade, a fecundidade e as migrações, principais responsáveis pelas alterações no perfil populacional. Dentre os fatores que influem nos aumentos crescentes da população da terceira idade, destacam-se dois principais:

(1) Redução da natalidade: com o surgimento e a difusão de métodos anticoncepcionais houve um decréscimo no número de nascimento. Hoje a média mundial é de 2,3 filhos por mulher; e, (2) redução da morbidez e da mortalidade: apesar de uma grande parcela da população mundial ainda não ter acesso à alimentação e a condições de higiene adequadas (Bacelar, 1999).

Os avanços da ciência e da tecnologia, especialmente no campo da medicina, permitem que a sobrevivência tanto de crianças quanto de adultos seja cada vez maior. Com os investimentos em prevenção e educação para a saúde, a descoberta de vacinas, novos medicamentos e cura para diversas doenças, o ser humano ganhou uma nova qualidade de vida, além da possibilidade de resistir a enfermidades que antes provocavam a morte em idade precoce (Bacelar, 1999).

Segundo Neri (1995), o progressivo envelhecimento das populações humanas, fenômeno antes restrito aos países desenvolvidos e dotados de maiores recursos sociais e de saúde, hoje é uma questão crescente para boa parte dos países em desenvolvimento, fazendo emergir questionamentos candentes que reclamam um debate propositivo e ações concretas.

Para a Organização Mundial de Saúde, citada por Zimmerman (2000), a expectativa de vida da população mundial que é de 60 anos, passará a ser de 73 anos em 2025. Em 26 países, a média de vida deverá ser de 80 anos. Estão no topo da lista dos países com população de maior longevidade a Islândia, a Itália, o Japão e a Suécia.

Ainda, conforme Zimmerman (2000), no Brasil, a média de vida é de 67 anos, sendo a expectativa de que possa chegar aos 74 anos em 2025.

Segundo o último Censo Demográfico, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no ano de 2000, no Brasil, a população acima de 60 anos era de 14.536.029. Na Região Centro-Oeste essa população era de 769.865. No Estado de Goiás, de 358.816. Na cidade de Goiânia as pessoas acima de 60 anos são 76.184. As estimativas para os próximos 20 anos indicam que a população idosa poderá exceder 30 milhões de pessoas, chegando a representar quase 13% da população brasileira.

Portanto, no Brasil a situação não é diferente de outros países e, pouco a pouco, o mito de que somos um país de jovens vai sendo derrubado.

Diante do surgimento do fenômeno do envelhecimento, a Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu a idade de 60 anos para categorizar as pessoas na qualidade de velho, ou terceira idade, e para, a partir daí, serem tomadas e



executadas medidas administrativas. Mas, para Bacelar (1999) é necessário ter consciência que esse processo não ocorre de forma idêntica em todos os indivíduos.

Skinner e Vaughan (1985) afirmam que existem velhos de todos os estilos, e a maneira como lidam com sua velhice depende em parte de sua educação, religião, identidade étnica ou nacional e de sua família; de suas ocupações passadas ou presentes; de seus campos de interesse e de vários outros fatores.

O acréscimo da população da terceira idade associado ao progresso da ciência faz com que os mitos sobre ela sejam substituídos por um verdadeiro conhecimento. Este conhecimento, por sua vez, permite uma literatura consistente, considerando o homem da terceira idade objeto da ciência, da história e da sociedade. Diante dessa evidência há um interesse acentuado por esta faixa da população, mas é arbitrária qualquer tentativa de estudo de um elemento isolado, pois o homem é constituído por múltiplos fatores.

É nesse sentido que buscamos a compreensão do envelhecimento na perspectiva histórico-cultural, mais especificamente nas teorias de Vygotsky a respeito do desenvolvimento humano, que dão sustentação à teoria da subjetividade de González Rey.

Para Vygotsky (1984/2002), todos os fenômenos devem ser analisados como processos que precisam ser compreendidos na sua origem e na sua historicidade, marcado por evoluções e involuções, o que não dá a ele uma dimensão naturalizante, mas sim, a de um sujeito singular e que produz sentidos únicos.

Segundo González Rey (2003a), os sentidos têm sua fonte no mundo dos significados, nos mundos cultural e social, porém é o sujeito que os constrói a partir de sua experiência pessoal, única.

Ainda conforme o autor (2003a), o desafio de apresentar a psique a partir de uma visão cultural despojando-a do caráter determinista, conduz a uma representação da psique em uma nova dimensão complexa, dialógica e dialética, definida como espaço ontológico. Assim, o autor (2003a) permite um enfoque da subjetividade que remete à condição do homem como sujeito ativo na constituição da subjetividade, como ser histórico, que se constitui e é constituído nessa história em um processo dialético que está em constante desenvolvimento.

Para Bock e Gonçalves (2005), se faz necessário compreender a construção da subjetividade na relação dialética que mantém como o mundo objetivo, mundo este que também está em construção e em permanente movimento. Morin (2002) afirma que às idéias se movem, mudam, o conhecimento evolui, transforma-se, progride e regride. Pois, para Morin (2003b) não haverá transformação sem reforma do pensamento, ou seja, revolução nas estruturas do próprio pensamento.

Portanto, buscamos estudar o processo de envelhecer em sua dialética, nas suas evoluções e revoluções, nas contínuas mudanças do seu desenvolvimento.

Conforme Costa (2001), a velhice por ser construída historicamente, precisa ser compreendida em sua totalidade, uma vez que cada sociedade constrói sua visão da velhice, destinando-lhe, assim, seu lugar e papel. Na sociedade contemporânea, existe uma grande diversidade de nomenclatura para definir o idoso ou a velhice. Termos como velho, velhote, idoso, terceira idade, quarta idade, indicam uma pluralidade vocabular, dificultando, às vezes, sua conceituação, pois, estão presentes fatores biológicos, sociais, culturais e psicológicos.

Portanto, a velhice deve ser compreendida também em sua singularidade, pois, segundo Gonzalez Rey (2002), a singularidade e a totalidade dos fenômenos são indissociáveis. Para ele, a singularidade se constitui como realidade diferenciada na

história da constituição subjetiva do indivíduo, uma vez que os sujeitos ao expressarem suas opiniões, suas emoções, constituem os significados das experiências que são singulares, com as características de cada personalidade, da história de vida, das emoções relacionadas a eventos das trajetórias no decorrer de vida de cada um.

Para Lopes (2005), a velhice, como categoria universal, não existe isoladamente. Existe, sim, um indivíduo com características singulares, um ser único em constante processo de transformação constituído por um organismo biológico, inserido numa determinada cultura e momento histórico, os quais são, em nossa opinião, geradores constantes de sentidos e significados únicos.

Assim sendo, a idéia de velhice, de acordo com Bacelar (1999), não comporta um só conceito, porque não há equivalência sobre as características de uma pessoa em determinada idade, isto é, a idade cronológica pode não ser idêntica à biológica e social do indivíduo. Para Oliveira (1999), o próprio conceito de velhice não constitui uma tarefa fácil de ser elaborada devido à complexidade de fatores que envolvem.

Embora as definições de velhice, para Oliveira (1999), exponham uma confusão aparente, fruto da diversidade de enfoques existentes, elas podem ser agrupadas ao redor de denominadores comuns. Para efeito de análise e entendimento da definição de velhice, alguns fatores devem ser considerados, como o cronológico, o biológico, o social e o psicológico. O envelhecimento desses fatores não acontece em um mesmo ritmo, pois, são distintos e merecem atenção em suas especificidades.

O conceito cronológico da velhice é ligado, habitualmente, à passagem do tempo, tendo como pressuposto que velho é aquele que tem sobre os ombros um considerável número de anos. Todo ser humano, de acordo com Oliveira (1999), fatalmente envelhecerá. Para essa autora, sem envelhecimento a vida será eterna. É o

tempo da vida sem restrições, inconcebível nos limites da condição humana. Esse tempo não pertence e nem concerne a ninguém. Para o homem que envelhece, a consciência do envelhecimento traduz-se por uma dificuldade de sentir a continuidade de sua própria existência.

A experiência psicológica do tempo para Stoppe Júnior e Louzã Neto (1999) resulta em interpretações individuais do passado, presente e futuro. As diferenças individuais na experiência do tempo aumentam com a idade, assim como a complexidade da percepção individual do tempo. Neri (2001) acrescenta que quando se pensa em tempo e idade também é necessário ter em mente que esses conceitos sofrem a influência da subjetividade.

Na opinião de González Rey (2002): “a subjetividade é um sistema complexo de significações e sentidos subjetivos produzidos na vida cultural humana ela se define ontologicamente como diferente dos elementos sociais, biológicos, ecológicos, relacionados entre si no complexo processo do desenvolvimento” (p. 36).

No conceito biológico, para Bacelar (1999), a única variável é o tempo. Esse conceito não está necessariamente relacionado com a idade cronológica. O organismo envelhece pelo desgaste físico que o tempo produz. Uma mesma pessoa tem várias idades interagindo, a cada momento, no seu organismo.

A velhice biológica, na concepção de Mercadante (1997), nunca é um fato total, pois o humano é subjetivo, indeterminado, e não um objeto que possa ser classificado em série. A velhice não pode ser vista exclusivamente por uma perspectiva biológica, porque o homem não é somente uma entidade biológica. É, também, um ser social, cultural, psicológico e espiritual.

Esse pensamento corrobora a idéia de Morin (1996) de que todas as coisas são ajudadas e ajudantes, todas as coisas são mediatas e imediatas, e todas estão

ligadas entre si por um laço que conecta umas as outras, inclusive as mais distanciadas.

Monteiro (2001) enfatiza que o envelhecimento biológico não pode ser entendido por mensurações deterministas, classificado por idades cronológicas. Envelhecer é um processo do sujeito que vive o seu próprio tempo, ou seja, é um processo particular e peculiar a cada um.

González Rey (2004c) afirma que o sujeito é profundamente singular, é pessoa viva, ativa, presente, pensante, se posiciona, e está em permanente processo, e produz sentidos subjetivos no curso de sua vida, que supera o determinismo mecanicista em que a trajetória no processo de viver experiências parece não ter nenhuma significação.

Portanto, o envelhecimento biológico não acontece isoladamente. Para Oliveira (1999), ele está acompanhado dos aspectos cronológico, psicológico, e social, embora possa apresentar certo descompasso e diversidade quanto ao ritmo em que cada um desses aspectos se processe. O ser humano, em sua complexidade, incorpora todos esses aspectos que estão todos inter-relacionados e que contribuem cada qual com parcelas importantes no processo de envelhecimento.

De acordo com Morin (2003b), o princípio da complexidade esforça-se por abrir e desenvolver amplamente o diálogo entre ordem, desordem, e organização. E por obter a visão “poliocular” em que as dimensões físicas, biológicas, espirituais, culturais, sociológicas, histórica daquilo que é humano deixem de ser incomunicáveis.

O conceito social da velhice, na concepção de Neri (2001) refere-se primeiramente aos comportamentos associados aos papéis etários que uma dada sociedade prescreve para seus membros. A idade social diz respeito à avaliação do

grau de adequação de um indivíduo ao desempenho dos papéis e dos comportamentos esperados para as pessoas de sua idade, num dado momento da história de cada sociedade. Dessa forma, as experiências de envelhecimento e velhice podem variar no tempo histórico de uma sociedade, dependendo das circunstâncias.

Ainda, conforme Neri (2001), o conceito social da velhice assume um importante papel pela constatação demográfica mundial do crescimento da população idosa, que vem constituir cada vez mais um grupo diferenciado e significativo, impulsionando a amplitude da reflexão sobre o tema tanto no âmbito individual quanto social.

Para Bacelar (1999), o conceito social da velhice parte de determinadas regras e expectativas sociais que categorizam as pessoas sobre seus direitos e deveres de cidadão, as tarefas de desempenho de determinados papéis sociais. Assim, cada sociedade, no decorrer de sua história, adota conceitos sociais diferentes quanto à idade e à definição de envelhecimento.

Em uma sociedade capitalista, o que não produz mais, não gera mais riqueza, esgotou, passa a ser descartável na visão puramente econômica. Os tabus culturais, os preconceitos e os mitos impedem que se incluam, entre os produtos, a felicidade, a memória, a história; excluem como possibilidade de produção e de riqueza, os contadores de história, os arquivos vivos (Loureiro, 1999).

Nesse sentido, na opinião de Oliveira (1999), a velhice passou a ocupar um lugar marginalizado à medida que seu potencial evolutivo e produtivo já atingiu o ápice, perdendo, a partir daí, o valor social. Sem possibilidade de produzir riqueza, a velhice perde também o valor simbólico e, paralelamente, valores negativos lhe foram atribuídos apoiados em critérios de potencial funcional de produção e reprodução de riqueza.

Desse modo, a pressão social, conforme Oliveira (1999), atua no sentido de negar a velhice enquanto tal, valorizando a pessoa que consegue disfarçá-la fisicamente (velhos bem conservados) e ou psicologicamente (velhos de espírito jovem). O velho sábio desapareceu de nossa realidade, permanecendo apenas como um conceito abstrato.

Segundo Bosi (1987), o envelhecimento é sempre abstrato. A pessoa dá a ele a concretude somente quando já não se tem mais argumento e estratégia para disfarçá-lo dos outros e de si mesmo. É nos outros que ele se concretiza primeiro.

Monteiro (2001) enfatiza que a velhice não se apresenta para o sujeito, mas fica clara para os outros. O indivíduo que envelhece não percebe as mudanças corporais da mesma maneira que os outros as percebem. Reconhecer as transformações nos outros é sempre mais simples do que em nós mesmos, porque as mudanças ocorrem lentamente, e o nosso organismo com sua capacidade plástica propicia assimilação das mudanças de maneira gradual.

Mercadante (1997) elucida que o velho apresenta sua identidade definida pela relação que estabelece com o outro. Sua identidade do “eu” é construída pela oposição à identidade do jovem. Nesse sentido, fica claro porque as pessoas não querem e não aceitam ser classificadas como velhas dizendo, muitas vezes, que possuem uma alma jovem em um corpo de velho.

Assim, de forma geral, a atitude da sociedade perante o idoso é negativa. Esta visão negativa do envelhecimento tem importante influência na adaptação social do idoso, no seu bem-estar, assim como na postura da sociedade em relação ao idoso. A redução da importância dos idosos como depositários de experiência nas sociedades industrializadas e o rápido progresso tecnológico têm influência também no papel do idoso na sociedade atual (Stoppe Júnior & Louzã Neto, 1999).

A aproximação da velhice, segundo Oliveira (1999) não reduz drasticamente qualquer faculdade do indivíduo que o impeça de continuar ativo e útil ao grupo social a que pertence.

O conceito psicológico da velhice, conforme Neri (2001), é um conceito genérico relativo à perspectiva quanto ao presente, ao passado e ao futuro.

Para essa autora (2001), este conceito pode ser usado em dois sentidos. O primeiro é análogo ao significado de idade biológica, e refere à relação que existe entre a idade cronológica e as capacidades, tais como percepção, aprendizagem e memória, as quais prenunciam o potencial de funcionamento futuro do indivíduo. O segundo tem relação com o senso subjetivo de idade, que é atribuído à maneira como cada indivíduo avalia, em si mesmo, a presença ou a ausência de marcadores biológicos, sociais e psicológicos da idade, com base em mecanismos de comparação social mediados por normas etárias. Nesse sentido esse conceito não passa de um desdobramento do conceito de idade social.

Stoppe Júnior e Louzã Neto (1999) afirmam que o desenvolvimento psicológico e as modificações que ocorrem durante o ciclo de vida são individuais. Para os autores, são processos graduais, imprecisos e de difícil determinação, não podendo ser relacionados, diretamente, às idades cronológicas específicas. A transição da idade adulta para a chamada terceira idade também ocorre de modo gradual com alterações psicológicas e sociais. Assim, os aspectos psicológicos do idoso estão relacionados a todo o curso da sua vida.

Ainda para os mesmos autores acima citados (1999), a importância subjetiva do passado está intimamente relacionada com as perspectivas de futuro. Para o idoso há mais tempo passado do que futuro. Diferente do jovem que pode adiar ou tentar novamente os sonhos e esperanças não realizadas.



No plano psíquico, o desenvolvimento não se dá linearmente, pois não se produzem, após a maturidade, sinais de declínio de todas as funções psicológicas. As emoções não têm idade, como a sabedoria e a experiência, atributos positivos dos velhos. Não involuem, pelo contrário, evoluem. O psiquismo evolui, ao contrário do corpo, sobre o qual há irreversibilidade. No plano da representação psíquica e da vivência emocional subjetiva, cada ser humano reagirá de forma única (Machado, 1992, citado por Bacelar, 1999).

Diferente da criança, segundo Baltes, Reese e Lipsitt (1980), o estudo do desenvolvimento do idoso tem sido realizado não a partir de idades ou fases, mas a partir da história do sujeito e a particularidade não normativa dos eventos da vida.

Nessa perspectiva, a idéia é de que a mudança, ao longo da vida, é frequentemente complexa, ou seja, multidimensional e multidirecional, envolve um forte contexto e efeitos interativos e acentuada relação dinâmica entre ontogenia e filogenia (Baltes, Reese & Lipsitt, 1980).

A velhice, na visão de Oliveira (1999), é um conceito histórico e culturalmente construído, oferecendo valorações diferenciadas conforme a época e a sociedade. Conseqüentemente, é um conceito histórico que se insere ativamente na dinâmica dos valores e nas diferentes culturas que enunciam e delineiam modelos emergentes de homens. Para a autora, a juventude e a velhice não são concepções absolutas, mas interpretações sobre o percurso da existência. Como interpretações, em contrapartida, essas contradições se transformam historicamente.

É nesse sentido que Oliveira (1999) argumenta que existem vários modos de julgar a velhice, isto é, normas diversas para defini-la e graduá-la. Sabe-se que “ser”, “parecer”, “sentir-se”, “viver como” ou “ser considerado” (p. 254) velho são ainda

fatos distintos, e, precisamente, essa diversidade explica as freqüentes contradições entre critérios subjetivos e objetivos.

Veras (2000) completa que a velhice torna-se um termo impreciso, pois os limites desta flutuam de acordo com a complexidade fisiológica, psicológica e social. Assim sendo, o envelhecimento é processo natural e individual, no qual as alterações estruturais e funcionais são decorrentes de fatores tanto intrínsecos como extrínsecos, que têm que ser analisados em sua totalidade. É necessário levar em conta que a velhice pode ser vivida e percebida de formas diferentes, de acordo com o contexto sócio-cultural em que se desenvolve.

A abordagem histórico-cultural (Vygotsky, 1984/2002) vê o processo de desenvolvimento em mudança e em movimento. A metodologia, nesta perspectiva, possibilita a descrição e explicação dos fenômenos em um constante processo dialético. Para o autor, os homens são participantes ativos e vigorosos da sua própria existência, pois todos os fenômenos devem ser estudados como processo em permanente movimento e transformação.

Vygotsky (1984/2002) expressa que o desenvolvimento humano é um processo caracterizado por transformações qualitativas.

Para Zimmerman (2000), idoso é aquele que tem diversas idades: a idade do seu corpo, da sua história genética, da sua parte psicológica e da sua ligação com sua sociedade. Portanto, esta noção de envelhecimento é compatível com a idéia de que o processo de desenvolvimento é contínuo e nunca cessa.

Vygotsky (1984/2002) defende, também, a processualidade da construção do conhecimento, partindo do princípio de que os fenômenos têm sua história e devem ser estudados como processos em movimento e em mudança e que para conhecê-los é necessário reconstruir todo o processo de seu desenvolvimento.

Para Vygotsky (1984/2002), não se pode construir qualquer conhecimento a partir do aparente, pois não se captam as determinações que são constitutivas do objeto. Ao contrário, é preciso rastrear a evolução dos fenômenos, pois estão em sua gênese e em seu movimento as explicações para a sua aparência atual, pois o homem é um sujeito concreto, buscando sempre um sentido que permita o seu desenvolvimento como processo em movimento e em mudança.

Conforme González Rey (2003a), esse conhecimento valoriza os processos de desenvolvimento do sujeito, sua história e seu contexto, enquanto um fenômeno contínuo e processual. Para este autor, o sujeito está comprometido com seu próprio processo do que foi, do que é, e do vir a ser e que se faz compreender em sua dimensão histórica, abrangendo presente, passado e futuro, acarretando em um processo de constante transformação.

Para Paula e Cupolillo (2005), os fenômenos humanos são compreendidos em sua processualidade, nos potenciais que o indivíduo possui o que não é algo novo no sentido de existir, mas está vinculado a conteúdos anteriores; um processo qualitativo de mudanças, um conteúdo carregado de historicidade e eminentemente social. Conseqüentemente, ainda conforme as autoras (2005), os processos subjetivos do envelhecer não se desenvolvem, abruptamente, mas são processos que se iniciam com a vida.

Primordialmente, este estudo abordou o tema da subjetividade da sexualidade na terceira idade, compreendida como dinâmica, contraditória, processual que, em sua complexidade envolve dimensões de singularidade e, ao mesmo tempo de historicidade, por constituir-se na relação com a realidade social e cultural.

## **Capítulo II**

### **Sentido Subjetivo da Sexualidade na Terceira Idade: Uma Questão Complexa**

O sentido subjetivo da sexualidade na terceira idade foi estudado a partir da perspectiva histórico-cultural elaborada por Vygotsky (1934/1998, 1984/2002), cujos pressupostos têm sido desenvolvidos por González Rey (2002, 2003a,b, 2004a,b,c, 2005a,b). Esta perspectiva leva em conta tanto a história quanto os contextos social e cultural de cada idoso em que a subjetividade se constitui.

A adoção da Teoria da Complexidade de Edgar Morin (1996, 2002, 2003a,b) se deve à realidade do idoso, de caráter desordenado, contraditório, plural, recursivo, singular, indivisível e histórico que caracteriza a complexidade. Neste estudo, a complexidade é ainda tomada a partir de uma perspectiva do desenvolvimento humano, interessando, como propõe González Rey (2003b) na sua Teoria da Subjetividade, discutir a complexidade no plano ontológico/teórico, para a compreensão do psicológico. Segundo este mesmo autor, a Teoria da Subjetividade, constitui um modo de compreender essa realidade.

Vygotsky (1984/2002) afirma que a estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social.

Influenciado e baseando-se no marxismo criativo e revolucionário que procurava a essência como princípio organizador ou de abordagem materialista dialética da análise da história humana, Vygotsky (1984/2002) compreende que o desenvolvimento psicológico dos homens é parte do desenvolvimento histórico geral

de nossa espécie e assim deve ser entendido. O autor acredita que o comportamento humano tem aquela “reação transformadora sobre a natureza” (p. 80).

A preocupação de Vygotsky (1984/2002) está voltada para as conseqüências da atividade humana na medida em que esta transforma tanto a natureza como a sociedade. Porém focalizou o problema do desenvolvimento na determinação histórica e transmissão cultural da psicologia dos seres humanos. Para ele, assim como os instrumentos de trabalho mudam historicamente, os instrumentos do pensamento também se transformam historicamente. Da mesma maneira como novos instrumentos de trabalho dão origem a novas estruturas sociais, novos instrumentos do pensamento dão origem a novas estruturas mentais.

Para González Rey (2005a) a subjetividade representa uma alternativa ontológica na construção do pensamento psicológico e social, pois nos permite uma representação diferenciada sobre os processos e as formas de organização da psique humana.

Vygotsky (1984/2002) afirma que o mecanismo de mudança individual ao longo do desenvolvimento tem sua raiz na sociedade e na cultura. Para o autor, os fenômenos humanos devem ser compreendidos em sua processualidade, nos potenciais que o indivíduo possui, o que não é algo novo no sentido de existir, mas está vinculado a conteúdos anteriores. Um processo qualitativo de mudanças que se constitui na construção do agora, do vir a ser.

Leontiev (1964) acrescenta ainda: “Devemos considerar a consciência (o psiquismo) no seu devir e no seu desenvolvimento, na sua dependência essencial do modo de vida, que é determinado pelas relações sociais existentes e pelo lugar que o indivíduo considerado ocupa nestas relações” (p. 95).

González Rey (2002) argumenta que a subjetividade é, por definição, uma expressão da cultura, pois surge nela e, por sua vez, é parte constitutiva dela. Para o autor, a subjetividade representa uma definição ontológica diferente dos processos psíquicos.

Ainda, para o mesmo autor (2002), a subjetividade é um sistema de significações e sentidos subjetivos em que se organiza a vida psíquica do sujeito e da sociedade, pois a subjetividade não é uma organização intrapsíquica que se esgota no indivíduo, mas um sistema aberto e em desenvolvimento que caracteriza também a constituição dos processos sociais.

O nível complexo da organização da subjetividade em que se constituem os diferentes sistemas de sentido subjetivo do sujeito é definido por González Rey (2003b) pela categoria personalidade. A personalidade não é uma categoria concreta com a qual podemos dar explicações que integram todos os processos ocorridos nela. A personalidade é uma categoria que dá conta da organização de múltiplos processos que se desenvolvem e se articulam na subjetividade individual.

A personalidade conforme este autor (2003b), é uma organização dialética, que não existe como uma realidade acabada, mas sim, como um processo permanente de desenvolvimento no qual estão implicados seus diferentes sistemas constitutivos atuais.

Uma das categorias essenciais para a construção teórica da personalidade é a categoria configuração, que é utilizada para expressar a construção subjetiva dos distintos tipos de relações e atividades que caracterizam a vida social da pessoa. As configurações são categorias complexas, pluridimensionais, que representam a unidade sobre a qual se definem os diferentes sentidos subjetivos dos eventos sociais vividos pelo homem (González Rey, 2003b).

O mesmo autor (2003b) define configuração como a interação entre estados dinâmicos diversos e contraditórios entre si, produzidos no curso das atividades sociais do sujeito por meio das diferentes emoções produzidas nas atividades. As configurações existem em permanente vínculo entre si, que têm muito a ver com as situações atuais que o sujeito enfrenta. Entende-se a configuração subjetiva como os motivos mais complexos da personalidade, os que integram em um sistema diferentes elementos dinâmicos procedentes de necessidades diversas.

O sentido subjetivo para González Rey (2003b) está compreendido simultaneamente com a construção subjetiva do sujeito e com a sua ação. O sentido como vivência atual do sujeito, foi considerado por Vygotsky como uma das forças essenciais do desenvolvimento humano.

Utilizamos diferentes teorias que abordam o tema da sexualidade do idoso, consideradas relevantes para o estudo.

A partir da perspectiva histórico-cultural, a sexualidade do idoso pode ser percebida como processo dinâmico, marcado por contradições, imerso em uma história e em uma cultura nas quais são gerados sentidos e significados próprios. Para Vygotsky (1984/2002), o indivíduo se constitui e é constituinte da sociedade, da cultura em que está inserido, de acordo com sua história, demonstrando a sua singularidade em suas expressões e em suas atitudes perante os acontecimentos durante a vida.

Conforme Kreutz e Muller (1999), a vida humana é regida por aspectos mais complexos do que o imperativo reprodutivo. A sexualidade do ser humano não se restringe ao enfoque puramente de procriação. Uma relação sexual entre duas pessoas envolve não somente deveres biológicos, mas, em contrapartida, toda a corporalidade, um vínculo emocional, uma infinidade de sentimentos, além de

valores sociais e culturais do par. A capacidade de sentir prazer e emoções não tem limite de idade.

A sexualidade do idoso, para Cavalcanti (1998), é normalmente um tema de difícil entendimento por parte das sociedades devido aos preconceitos, mitos e tabus existentes na nossa cultura.

Na visão de Bacelar (1999), existem muitos preconceitos e falsas concepções sobre a sexualidade do idoso. Durante muito tempo, esse assunto foi proibido não apenas no convívio das pessoas como na pesquisa científica. Somente na década de 1940, o Relatório Kinsey nos conduziu a uma pesquisa aberta sobre a sexualidade; a partir daí, ruíram muitos tabus sobre o assunto. Se para o jovem havia repressão ao tratar de sexo, para o idoso, além de proibido, era imoral.

Ainda hoje, para Capodieci (2000), falsas crenças e mistificações tornam difícil falar da sexualidade dos idosos e o estereótipo ainda difuso é que o prazer sexual esteja limitado somente ao período juvenil da vida.

Para Morin (1996), essa compreensão seria simples e parcial, e alerta estarmos freqüentemente analisando os fatos separadamente, porque aprendemos a pensar separado. O autor diria ser um fenômeno histórico e cultural em função de como nosso pensamento está constituído: disjuntivo e redutor. Buscamos a explicação de um todo através da constituição de suas partes. Queremos eliminar o problema da complexidade. É uma forma de pensamento que se impõe em nossa mente desde a infância, que se desenvolve na escola, na universidade e se incrusta na especialização.

Mercadante (2005) analisa que o pensamento redutor, disjuntivo, e parcial, não analisa de forma ampla e profunda a velhice que se mostra como um fenômeno multifacetado e marcado por fatores socioculturais e históricos.



Vygotsky (1934/1998) chama atenção para um entendimento mais profundo e significativo sobre a diversidade dos contextos socioculturais a partir de uma perspectiva fundamentada no desenvolvimento humano e em sua complexidade e dialética. Portanto, para Vygotsky (1984/2002) “estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança: esse é o requisito básico do método dialético” (p. 85). É nesse sentido que percebemos as mudanças ocorridas quanto à concepção da sexualidade humana através dos séculos.

Para confirmar essa questão Ribeiro (2002) argumenta que, nos últimos anos vem ocorrendo uma revolução na concepção e na prática da sexualidade, o que tem se refletido de forma indiscutível na terceira idade.

Ainda, segundo o autor (2002), alguns fatores tiveram influência direta no processo, sendo três os mais importantes. Primeiro: a vida sexual deixou de ter apenas a função de procriação para se tornar uma fonte de satisfação e realização de pessoas de todas as idades. Segundo: o aumento notável e progressivo de pessoas que chegaram a uma idade sempre mais avançada em condições psicofísicas satisfatórias e não dispostas a renunciar à vida sexual. Terceiro: o aparecimento da Aids nos obrigou a repensar nossa sexualidade, reforçando a necessidade de todos informarem-se e falarem mais abertamente sobre sexualidade.

Além dos três fatores mais importantes, a longevidade sexual é também explicada pela considerável contribuição da ciência biológica que, nos últimos anos, tem estudado de forma consistente as disfunções eréteis, gerando notável avanço na área farmacêutica e produzindo inúmeros medicamentos como: o Sildenafil (viagra), Vardenafil (levitra), Tadalafil (cialis) e outros, proporcionando aos homens a melhoria do desempenho sexual. Para as mulheres, a contribuição principal dos

avanços farmacêuticos foi a reprodução dos hormônios femininos, o estrogênio e a progesterona, propiciando a elas desempenho sexual satisfatório (Capodieci, 2000).

Face mais esta contribuição, vemos que a sexualidade é realmente complexa e que falar sobre ela é um desafio. Segundo Risman (1999), o nosso conhecimento a respeito do corpo, foi muitos anos coberto de preconceitos, aos quais a psique teve que se adaptar. A sexualidade, foi cercada de muitas regras, tornando-se um processo mecânico, vinculado à genitalidade e à procriação, perdendo, assim, seu maior valor: a dimensão natural de sua manifestação.

Para Vygotsky (1984/2002), a abordagem naturalista do comportamento, geralmente deixa de levar em consideração a diferença qualitativa entre a história humana e a dos animais. A consequência desse tipo de análise é o estudo do comportamento sem levar em conta a história do desenvolvimento humano. Em contraste, ele defende uma abordagem teórica e, conseqüentemente, uma metodologia que privilegia a mudança qualitativa.

Segundo este autor (1984/2002), somente uma análise “dinâmico-causal” (p. 82) pode levar à compreensão do processo, ao invés de descrever o produto final. A mera descrição não revela as relações dinâmico-causais reais subjacentes ao fenômeno, porém a análise genotípica, através da qual um fenômeno é explicado com base na sua origem.

Vygotsky (1984/2002) afirma, ainda, que os fenômenos podem ter origem e essência muito diferentes do que sua forma apresenta. Assim, não dá para entendê-los na imediaticidade porque sua natureza é mediata. Por isso, deve buscar-se a sua origem e essência para sua compreensão.

Na acepção moderna da dialética, Konder (1992) explica que em todos os objetos com os quais lidamos existe uma dimensão imediata (que nós percebemos

imediatamente) e existe uma dimensão mediata (que a gente vai descobrindo, construindo ou reconstruindo aos poucos).

Assim, entendemos que no processo de envelhecimento humano há mudanças da sexualidade ao longo do tempo. Estas devem ser compreendidas, conforme Konder (1992), através da trajetória complexa da dialética do desenvolvimento. Este é um modo de pensar que privilegia as contradições da realidade e a compreende como essencialmente contraditória e em permanente transformação pelo sujeito. Assim, o sujeito é ativo porque colabora efetivamente no seu processo de desenvolvimento e da realidade.

Sobre a história da sexualidade no Ocidente, Foucault (1985) coloca que a auto-imagem da pessoa se constitui a partir das complexas interações mantidas com seu grupo sociocultural.

Segundo Covey (1989), atitudes sociais negativas e mitos são atribuídos às pessoas da terceira idade, sendo que os mais intensos e prejudiciais são aqueles ligados à sexualidade, impedindo assim qualquer manifestação desta área nessa faixa etária. Conforme Vieira (1996), o estereótipo de que o idoso não tem interesse por sexo, é uma invenção da cultura em que se vive e da ansiedade que cerca o assunto.

Acredita Libman (1989) que, ultimamente, os profissionais de várias áreas que lidam com a população da terceira idade estão trabalhando para a quebra ou redução dos preconceitos, mitos, tabus e dos estereótipos que são atribuídos a ela, como sendo degenerativos. No entanto, é de fundamental importância tomar cuidado, pois nessas ações podem surgir os contra-mitos que são imagens superotimistas dos idosos, ao mesmo tempo não realistas. O importante e essencial não é a criação dos contra-mitos e, sim, demonstrar, permitir e respeitar que as pessoas dessa faixa etária manifestem sua sexualidade sem culpa, sem considerar que esta atitude ou

sentimento seja percebido como anormal, independentemente da forma de sua expressão.

Na opinião de Baggio (1990), a vida sexual não se extingue com a idade avançada. Ela apenas muda de características, se inicia com o nascimento e extingue-se praticamente com a morte. A sexualidade não é unívoca, simples, mas é constituída por uma pluralidade de tendências e de atividades. O desejo por intimidade, afeição e amor não acaba em nenhuma idade.

A sexualidade para Capodieci (2000) faz parte da dialética da existência de cada indivíduo em qualquer idade; ela representa um dos aspectos do viver juntos e será sempre uma manifestação rica e vital do seu desenvolvimento.

Os processos da subjetividade social que interagem no desenvolvimento da sexualidade do sujeito, segundo Ribeiro (2002), vêm explicar que a sexualidade é a maneira como uma pessoa expressa seu sexo. É como a mulher vivência e expressa o ser *mulher* e o homem o ser *homem*: através dos gestos, da postura, da fala, do andar, da voz, das roupas, dos enfeites, do perfume, enfim, de cada detalhe do indivíduo.

Confunde-se muito sexualidade com relação sexual. A relação sexual é um componente da sexualidade e ao contrário do que muita gente pensa, não é apenas a relação de órgãos genitais, mas, sim, a troca de sons, cheiros, olhares, toques, secreções e carícias (Ribeiro, 2002).

É neste sentido que Butler e Lewis (1985) enfatizam a sexualidade na vida dos idosos. O sexo e a sexualidade são experiências prazerosas, gratificantes e reconfortantes que realçam os anos vindouros. Também são de uma enorme complexidade psicológica. Durante toda a vida carregamos o peso da nossa formação sexual que foi constituída por nós mesmos, nossos pais, nossa família, nossos professores, e nossa sociedade de maneira positiva ou, às vezes, negativa.

Fundamentalmente é nesse sentido que González Rey (2005a) argumenta: “o enfoque histórico-cultural mantém um forte compromisso ontológico no sentido de compreender a psique como produção histórico-cultural, rompendo com toda definição universal da psique humana, afirmando um novo tipo de qualidade da psique, sensível a múltiplas formas de registros sócio-culturais” (p. 33).

Conforme Guattari (1992), “a psique, em sua essência, é a resultante de componentes múltiplos e heterogêneos” (p.200) afirmando, assim, a interdependência existente entre os vários elementos, individuais e sociais.

González Rey (2003b) explica que a história do sujeito psicológico é a história da sua constituição subjetiva, cujo curso das experiências temporais se reconfiguram permanentemente no tempo presente, e se realizam em uma dimensão social.

De acordo com González Rey (2003b), os processos subjetivos falam da singularidade dos sujeitos, assim, cada idoso vai lidar de forma singular com sua sexualidade e com as mudanças que ocorrem durante toda sua vida. O modo que cada idoso constitui subjetivamente sua sexualidade não é um processo iniciado no envelhecer, mas é parte do desenvolvimento dos sujeitos desde o seu nascimento.

Para muitas pessoas de mais idade, na visão de Butler e Lewis (1985), a sexualidade oferece a oportunidade não apenas de expressar paixão, mas afeto, estima e lealdade. Fornece provas afirmativas de que se pode contar com o corpo e seu funcionamento. Permite que as pessoas se afirmem positivamente. Traz consigo a possibilidade de emoção e romance. Expressa a alegria de estar vivo. Oferece um constante desafio ao crescimento e mudanças para novas direções.

Para González Rey (2003b), mudanças somente poderão acontecer conforme a subjetivação do sujeito quanto à sua sexualidade. A subjetividade é um complexo e plurideterminado sistema, afetado pelo próprio curso da sociedade e das pessoas que

a constituem dentro do contínuo movimento das complexas redes de relações que caracterizam o desenvolvimento social.

Na visão de Risman (1999), quando o indivíduo enfrenta o fato de envelhecer, de forma realista, não tem por que falar de diminuição de prazer nas relações sexuais. O idoso, para este autor (1999) não espera do outro uma grande atuação e está mais preparado para que a realização e a ternura aflorem em todas as formas de contato íntimo do corpo. Além disto, recorde-se de que a sexualidade não se reduz aos atos genitais, como também inclui todas as demonstrações de afeto.

O sexo na terceira idade, para Risman (1999), além da satisfação física, reafirma a identidade de cada parceiro, demonstrando que cada pessoa pode ser valiosa para a outra. Junto ao sexo, também estão valores muito importantes na terceira idade: a intimidade, a sensação de aconchego, o afeto, o carinho e o amor.

O desejo por intimidade, afeição e amor não acaba em nenhuma idade. Por isso, na sociedade, muitas vezes, conforme Capodieci (2000), se esquece que o mundo dos afetos não sofre um processo de deterioração com o avançar dos anos, cada um de nós deseja amar e ser amado, ser útil e independente, e sentir o significado profundo que representa a sua existência ao longo de todo o curso da vida.

Como diz Fraiman (1995), o corpo que não é tocado chora, grita e reclama. Alves (2002) completa que o amor na velhice é um espanto, pois nos revela que o coração não envelhece jamais. Pode até morrer, mas morre jovem.

Mas, para González Rey (2003a), a idéia sujeito-corpo perde seu sentido caso não seja compreendida dentro dos processos de subjetivação do corpo e das potencialidades subjetivadoras das dimensões do desejo situadas no corpo. O corpo para o autor, é uma fonte universal de desejo; este se organiza também socialmente sobre a base das emoções experimentadas pelo sujeito em seus diferentes sistemas de

relações. O corpo é um sistema histórico de relações do sujeito. Separar o prazer corporal de outras motivações de natureza social representaria a conservação da dicotomia cartesiana psique-corpo.

Cavalcanti (1994) argumenta que a idade não é nunca, em si, causa do desaparecimento da capacidade sexual de um indivíduo. Pois, a apetência deveria ficar inalterada, ou poderia ficar mais requintada em função da experiência ou da maior maturidade na comunicação dos pares, porém a falta de esclarecimento específico concorre para uma série de conseqüências graves e desastrosas no desempenho sexual dessas pessoas.

Para Fraiman (1995), o comportamento e o desejo sexual têm forte correlação com a vida sexual anterior à velhice, havendo o sentimento de ser querido, necessário e importante. A capacidade de receber amor e afeição não tem limite de idade.

O envelhecimento, na visão de Lopes (1993), é uma fase extremamente crítica para o indivíduo, particularmente na nossa cultura, onde as perdas são mais valorizadas que os ganhos. O autor ressalta que em uma sociedade onde há uma glorificação da juventude, que se espelha na busca do rejuvenescimento a todo custo, com exaltação do corpo atlético, são de se esperar, fatalmente, problemas ligados à esfera sexual. À medida que a idade avança, os preconceitos em todos os setores da vida se fazem presentes, particularmente os sexuais.

Segundo este autor (1993), esses preconceitos constituem um dos piores e dos mais cruéis para a pessoa humana. Diz-se que o idoso não tem mais interesse sexual, que não precisa de sexo e que fica até feio pensar e fazer. A idade não dessexualiza o indivíduo, mas sim, a sociedade, ou seja, a satisfação sexual depende da imagem que se faz do sexo e a influência que sofremos do meio. E depende, também, de como cada pessoa encara o passar dos anos e as mudanças advindas com os mesmos.

A visão assexuada do idoso, para Risman (2005), faz lembrar a assexualidade atribuída à criança, desconfirmada por Freud, quando realizou um trabalho chamado Os Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade, em que demonstrou a existência da sexualidade na fase infantil do ser humano. Este dado escandalizou a sociedade vienense. Mas o que na verdade mobilizou os vienenses foi a ruptura da necessidade de acreditar que a manifestação da sexualidade teria uma idade para iniciar e para terminar.

A psicanálise para Guattari (1990), em sua teorização, conduz a um dogmatismo insuportável e, em prática, a um empobrecimento de suas intervenções, a estereótipos que as tornam impermeáveis à alteridade singular de seus pacientes.

Para González Rey (2002) na teoria psicanalítica de Freud:

O sexo ocupa um lugar central de acordo com a constituição subjetiva do homem da época, nas classes que tinham acesso ao tratamento psicanalítico; mas Freud nunca chegou a compreender que esse lugar representava um sentido subjetivo determinado pela constituição da sexualidade dentro daquela época histórica e que não era um lugar definido pela natureza humana (p. 60).

González Rey (2003a) argumenta ainda, que “o social atua como elemento produtor de sentido, partindo do lugar do sujeito em seu sistema de relações e da história desse próprio sujeito” (p. 224).

Vivenciar a sexualidade no processo de envelhecer é um momento ímpar de construção da subjetividade, carregados de emoções e de atitudes particulares com base nas características do sujeito, na sua história de vida.



Neste sentido, Fraiman (1994) lembra que a sexualidade na terceira idade é um assunto ainda muito encoberto. Não é possível generalizar sobre quais são as expectativas de homens e mulheres. No contato com eles, podem-se constatar experiências diferenciadas, boas e más, e encaminhamentos os mais variados possíveis.

Ainda segundo a autora (1994), tem idoso que vence as limitações da educação e consegue estabelecer uma vida sexual ativa e satisfatória. No outro extremo há idoso para as quais sexo é tão aversivo que, quando acaba, “acaba felizmente!” Há os que se habitua a ficar sem ele e os que refazem sua vida também nessa esfera.

Portanto, para nós, na busca de conhecer e compreender como os idosos subjetivam sua sexualidade se fez necessário considerar como eles configuram esse momento em suas vidas, como eles foram se organizando e produzindo sentidos próprios dentro da sua história e da sua cultura.

O que parece à primeira vista imutável no homem não passa de fato de uma etapa transitória no seio do seu desenvolvimento histórico (Leontiev, 1964).

Nessa perspectiva, para a compreensão e explicação da constituição subjetiva da sexualidade dos sujeitos participantes, foi utilizado o método qualitativo proposto por González Rey (2002) que possibilita o estudo complexo da subjetividade humana.

## Capítulo III

### Método

O sentido subjetivo da sexualidade na terceira idade se constituiu no objeto desta pesquisa tendo sido abordado segundo uma metodologia comprometida com a epistemologia qualitativa proposta por González Rey (2002), com as expressões advindas do sujeito no momento empírico levando em conta o caráter histórico-cultural do objeto e a dimensão construtiva do conhecimento.

Deste modo, são as idéias de Vygotsky (1934/1998, 1984/2002) sobre desenvolvimento humano, desenvolvidas por González Rey que sustentarão o referido método.

Brilhantemente, Vygotsky (1984/2002) afirma que o desenvolvimento humano “é um processo dialético complexo caracterizado pela periodicidade, desigualdade no desenvolvimento de diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, entrelaçamento de fatores internos e externos, e processos adaptativos que superam os impedimentos que o indivíduo encontra” (pp. 96-97).

Compreender um fenômeno sob o ponto de vista de Vygotsky (1984/2002), significa estudá-lo conforme os princípios do materialismo dialético, como um processo em movimento e em mudança.

É de fato, nesse sentido que Vygotsky (1984/2002) percebe que a visão da história do indivíduo e a visão da história da cultura são semelhantes. Em ambos os casos, ele rejeita o conceito de desenvolvimento linear, incorporando em sua conceituação alterações evolutivas como mudanças revolucionárias. Para o autor, o reconhecimento dessas duas formas inter-relacionadas de desenvolvimento é componente necessário do pensamento científico.

Diante desta concepção de desenvolvimento, González Rey (2002) argumenta:

A formulação de conceitos processuais descaracteriza a racionalidade pura da ciência, a ciência não é só racionalidade, é subjetividade em tudo o que o termo implica, é emoção, individualização, contradição, enfim, é expressão íntegra do fluxo da vida humana, que se realiza através de sujeitos nos quais as experiências se concretizam na forma singularizada de sua produção (p. 28).

Por essa razão, González Rey (2002) expressa que a epistemologia qualitativa corresponde às exigências epistemológicas inerentes ao estudo da subjetividade permitindo a produção teórica acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica do fenômeno.

Considerar o caráter histórico-cultural do objeto, conforme González Rey (2002), significa percebê-lo em sua dimensão singular, onde “o social surge na rota única dos indivíduos constituídos em uma sociedade e uma cultura particular” (p. 28). A subjetividade é parte constitutiva do ser humano e das diversas formas de organização social, não sendo um produto da cultura, mas sim constitutiva da cultura.

Nessa perspectiva, a epistemologia qualitativa, conforme evidencia González Rey (2002), permite transformar o conhecimento em um exercício da relação entre o pesquisador e o sujeito participante. Sua proposta metodológica enfatiza a pesquisa como processo dialógico que implica tanto o pesquisador como as pessoas que são objeto da pesquisa, em sua condição de sujeito do processo.

A pesquisa assumida sob essa perspectiva como defende González Rey (2002), se apresenta como um processo irregular e contínuo, dentro do qual são abertos, de forma constante, novos problemas e desafios pelo pesquisador, que, longe de seguir

uma linha rígida que organize os diferentes momentos do processo se orienta por suas próprias idéias, intuições e opções dentro da complexa trama da pesquisa.

Tais processos levam o pesquisador a levar em conta uma nova forma de compreensão em que se devem considerar tanto a multiplicidade de processos, ainda que aparentemente irrelevantes, como a diversidade de suas articulações, das quais podem emergir novos processos (Neubern, 2005).

Portanto, a pesquisa apoiada na epistemologia qualitativa proposta por González Rey (2002) tem entre seus objetivos essenciais a produção de modelos teóricos complexos e dinâmicos capazes de gerar inteligibilidade sobre os complexos da subjetividade humana, os quais são inacessíveis às metodologias tradicionais.

Seguindo esta linha de pensamento, focalizamos a categoria sentido subjetivo, desenvolvida na teoria de González Rey (2002), para explicar os processos relativos ao sentido subjetivo da sexualidade do idoso. Conseqüentemente, esse processo de sentido subjetivo foi estudado em sua origem e seu curso, buscando a sua singularidade e historicidade.

González Rey (2003a) argumenta que a produção de sentido ocorre num processo histórico no qual tanto o momento atual de vida, o lugar do sujeito em relação à experiência vivida e os outros sentidos constituídos anteriormente, são elementos constituintes dessa nova produção subjetiva.

Os sentidos produzidos pelos sujeitos, conforme Bock e Gonçalves (2005) são únicos, mas têm sua fonte no mundo dos significados, nos mundos cultural e social.

González Rey (2005b) afirma, que é o sujeito que os constrói a partir de sua experiência pessoal, única. O sujeito é síntese única de sua própria história. Por essa razão, o autor enfatiza que o sentido subjetivo não aparece de forma direta na expressão intencional do sujeito, mas sim indiretamente na qualidade da informação.

Assim, para González Rey (2002), a essencialidade do conhecimento está na capacidade de produzir algo que não se esgote na construção discursiva e nem nas construções culturais interativas dentro de cada momento histórico. Nesse processo, tanto a realidade quanto os sujeitos são ativos, pois a história e o contexto que caracterizam o desenvolvimento do sujeito marcam sua singularidade, que é expressão da riqueza e plasticidade do fenômeno subjetivo.

Segundo González Rey (2002), faz-se necessário definir a subjetividade como objeto de estudo ao reconhecer o subjetivo como forma do real constitutivo do ser humano, o qual se constitui em sujeito psicológico por complexos processos de construção e assimilação que caracterizam sua vida social. Os processos são vivenciados de uma forma contínua dando lugar às configurações subjetivas que caracterizam a organização individualizada da personalidade humana. A subjetividade não é uma realidade coisificada, mas sim um processo vivo do indivíduo como sujeito psicológico concreto.

Diante do exposto, assumir uma posição em que se leve em conta a epistemologia qualitativa tem conseqüências metodológicas como afirma González Rey (2002) que propõe três princípios:

1. O conhecimento é uma produção construtiva-interpretativa. Seu caráter interpretativo é gerado pela necessidade de dar sentido a expressões do sujeito estudado.

A interpretação é um processo em que o pesquisador integra, reconstrói e apresenta em construções interpretativas diversos indicadores obtidos durante a pesquisa, os quais são por ele utilizados com o objetivo de manter tanto um diálogo com os sistemas de informação levantados na pesquisa, como para o seguimento de seu próprio pensamento, o qual é inseparável dos sistemas de informação que se

produzem. As idéias do pesquisador são partes essenciais do modelo teórico processual norteador do curso da pesquisa. Portanto, o conhecimento é constituído na relação sujeito-objeto.

2. O caráter interativo do processo de produção do conhecimento enfatiza que a relação pesquisador-pesquisado é uma condição para o desenvolvimento da pesquisa. Seu caráter interativo é uma dimensão essencial do processo de produção de conhecimentos, um atributo constitutivo do processo de estudo dos fenômenos humanos.

A consideração do caráter interativo da produção de conhecimentos outorga valor especial aos diálogos que nela se desenvolvem e nos quais os sujeitos se envolvem emocionalmente e comprometem sua reflexão em um processo em que se produzem informações de grande significado para a pesquisa. O diálogo do pesquisador com o pesquisando caracteriza todo o desenvolvimento da pesquisa.

3. O significado da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento, a singularidade na pesquisa da subjetividade adquire importante significado qualitativo que impede de identificá-la com o conceito de individualidade. A singularidade se constitui como realidade diferenciada na história da constituição subjetiva do indivíduo. Assim, quando trabalha com o sujeito como singularidade, o identifica como forma única e diferenciada de constituição subjetiva, utiliza a singularidade como momento diferenciado e subjetivado.

Esses princípios foram norteadores desta pesquisa na qual buscou-se o conhecimento científico a partir do ponto de vista qualitativo, pois, não se legitima pela quantidade de sujeitos a serem estudados, mas pela qualidade das reflexões e interpretações dos diálogos e expressões do pesquisado.

**Participantes:**

Participaram deste estudo quatro sujeitos voluntários, sem restrição ao sexo, raça, nacionalidade, religião, grau de instrução, estado civil, e respeitando-se a Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003 do Estatuto do Idoso Brasileiro com idade igual ou superior a sessenta anos. Observou-se também o critério de ser aluno da UNATI - Universidade Aberta à Terceira Idade da UCG - Universidade Católica de Goiás.

Um dos critérios para a escolha dos sujeitos participantes foi a manifestação do interesse dos mesmos e a sua disponibilidade para fazer parte do processo de produção de conhecimento, considerado um requisito fundamental para a sua realização. A motivação do participante também foi considerada como um critério importante e decisivo da inclusão.

Foi apresentado ao conjunto dos alunos da UNATI-UCG a proposta do estudo, sua finalidade, e os meios utilizados para a construção das informações. Também foi oferecida a oportunidade ao alunado para que manifestasse o desejo de participar da pesquisa, partindo-se dos princípios da espontaneidade e respeito à vontade dos participantes.

O convite feito ao alunado da UNATI-UCG para participar do estudo foi aceito por doze alunos, número considerado expressivo pela pesquisadora, devido à complexidade do objeto em estudo. Entretanto, foram escolhidos somente quatro alunos-participantes por permitirem uma composição diversificada de relacionamento conjugal.

Assim, na busca de compreender o processo do sentido subjetivo da sexualidade na terceira idade, deixamos de priorizar e de considerar a quantidade, mas a qualidade conforme proposto na epistemologia qualitativa de González Rey (2002): O número de sujeitos a serem estudados responde a um critério qualitativo, a

informação expressa por um sujeito concreto pode converter-se em um aspecto significativo para a produção de conhecimento, sem que tenha de repetir-se necessariamente em outros sujeitos.

Fizeram parte deste estudo os seguintes participantes, cujos nomes são fictícios: Zica, 77 anos, viúva. Jô, 74 anos, casada três vezes. Lucas, 67 anos, casado. Maria Tereza, 66 anos, divorciada.

### **Procedimento:**

O momento empírico foi realizado através dos instrumentos: dinâmica de conversação e completamento de frases em um processo que se deu no consultório da pesquisadora, por livre opção de três participantes, pois acharam que o espaço era propício, havendo privacidade para ambos, onde puderam expressar com mais liberdade seus pensamentos, suas vivências, suas emoções, seus relacionamentos afetivos e posições pessoais. Entretanto, o momento empírico com o 4º participante, conforme sua opção se deu na sua própria residência.

A frequência e duração dos encontros foram conforme a necessidade gerada nos diálogos com cada participante. Em vista à complexidade de informações produzidas pelos participantes, os encontros foram registrados em gravador digital, antecipadamente autorizado pelos mesmos. Assim, os diálogos foram transcritos pela própria pesquisadora de forma a tornar mais visível a percepção da subjetividade de cada sujeito participante.

### **Instrumentos:**

De acordo com González Rey (2005b), a Epistemologia Qualitativa é, precisamente, o ato de compreender a pesquisa nas ciências antropológicas, como



um processo de comunicação, um processo dialógico, já que o homem, permanentemente, se comunica nos diversos espaços sociais em que vive.

Ainda, conforme autor (2005b), na pesquisa antropossocial o uso de instrumentos produz-se sempre em um contexto de comunicação o qual será decisivo tanto no sentido que o instrumento terá para o sujeito, como em seus possíveis desdobramentos, que podem conduzir, de fato, as novas situações instrumentais. O autor definiu por instrumentos toda a situação ou recurso que permite ao outro expressar-se no contexto de relação que caracteriza a pesquisa.

A dinâmica de conversação e o completamento de frases foram os indutores para a expressão da subjetividade dos sujeitos. Conforme González Rey (2005b), as conversações geram uma co-responsabilidade devido a cada um dos participantes se sentirem sujeitos do processo, facilitando a expressão de cada um por meio de suas necessidades e interesses. O pesquisador e o pesquisado refletem, questionam, se posicionam, enfim, mantêm-se totalmente ativos no curso das conversações.

González Rey (2005b) faz a distinção entre os instrumentos: dinâmica de conversação e entrevista.

Para ele (2005b), a conversação é um sistema no qual os participantes se orientam em seu próprio curso e em que os aspectos significativos aparecem na medida em que as pessoas envolvidas avançam em suas relações. Os assuntos não estão, nem podem estar definidos a priori, pois cada novo momento do processo pode representar uma diferente etapa de sentido subjetivo dos participantes.

A partir de uma perspectiva instrumental, conforme González Rey (2005b), a entrevista caracteriza-se por esgotar-se em um ato, em um momento; frequentemente, ela é considerada, na parte metodológica de um trabalho, um instrumento a mais que se aplica em um momento concreto e que é assumida pelas

respostas diretas do sujeito diante de uma seqüência de perguntas estabelecidas a priori. Para o autor muitas entrevistas representam mais um questionário do que um processo de comunicação, assim perdendo o aspecto interativo.

O completamento de frases, conforme o mesmo autor (2005b), é um instrumento que apresenta indutores curtos a ser preenchidos pela pessoa que o responde. Os indutores são de caráter geral e também podem referir-se a atividades, experiências ou pessoas, sobre as quais queremos que o sujeito se expresse intencionalmente. Tal procedimento permite a expressão de sentidos subjetivos diferenciados em áreas e aspectos muito distintos da vida dos participantes.

O conteúdo formal destes instrumentos serviu para estimular o diálogo e a relação entre pesquisador e sujeito participante, constituindo um importante espaço no processo de construção das informações, expressando a qualidade do vínculo entre ambos. O uso desses instrumentos teve também o objetivo de produzir sentido das expressões do sujeito participante, pois permitiu ir muito além do conteúdo explícito e intencional expresso pelos mesmos (González Rey, 2005b).

A flexibilidade dos instrumentos utilizados foi bastante útil, pois possibilitou a realização da análise construtiva-interpretativa das informações que integrou o conhecimento construído durante todo o processo da pesquisa.

Para González Rey (2002), o uso dos instrumentos abertos facilita a expressão do sujeito em toda a sua complexidade e aceita o desafio que implica a construção de idéias e conceitos sobre a informação diferenciada que expressam os sujeitos estudados.

Também o nosso conhecimento teórico anterior e nossa subjetividade foram aspectos importantes na leitura interpretativa das informações no decorrer deste trabalho de produção de conhecimento.

O processo de interpretação e construção das informações possibilitou a constituição de diversos indicadores singulares para a compreensão e explicação do sentido subjetivo da sexualidade de cada sujeito participante da pesquisa.

## **Capítulo: IV**

### **Processos de Construção e de Interpretação das Informações**

A análise da dinâmica de conversação e o completamento de frases permitiu-nos compreender o processo de produção de sentido subjetivo da sexualidade na terceira idade, tendo como referência a experiência, a vivência, a história de vida e a singularidade de cada sujeito na sua concretude.

Inicialmente, verificamos o quanto de complexidade encontra-se implícito na temática deste estudo, já que não há uma única explicação que abranja todas as dimensões que constituem o saber sobre a subjetividade da sexualidade do idoso.

O diálogo com as expressões dos sujeitos participantes possibilitou ressaltar os pontos que foram possíveis de interpretações pela pesquisadora no sentido de compreender as produções de sentido de sua sexualidade.

Todas as reflexões constituídas tiveram inter-relação com as histórias de vida dos sujeitos. Assim, nas expressões transcritas verificou-se que o processo de subjetivação da sexualidade é constituído conforme a singularidade de cada participante.

A cada encontro realizado foi possível levantar indicadores e, a partir deles, construir o caminho da dinâmica de conversação posterior. Este processo, permitiu-nos desenvolver um sistema de pensamento constitutivo e constituído por uma rede multidimensional e multidirecional das expressões genuínas dos sujeitos sobre sua vida.

**Primeiro sujeito participante: Zica**

Os momentos de interação do sujeito participante com a pesquisadora realizaram-se em seis encontros, com duração de duas horas cada. O primeiro encontro foi marcado por muita apreensão, talvez por timidez da parte da Zica, ou por receio de relatar sua vida. Mas, nos encontros seguintes, sua expressão foi de tranqüilidade e de confiança na pesquisadora.

Zica tem setenta e sete anos. Viúva há seis anos. Casou-se somente uma vez aos dezessete anos e o marido com vinte e sete anos, também seu primeiro e último matrimônio. O relacionamento durou sessenta anos. Tiveram nove filhos. Moravam na fazenda onde um dos quais faleceu ainda pequeno.

Morou na zona rural desde menina, pois seu pai sempre foi responsável por alguma fazenda. Coursou somente o primário, pois vivia mudando de uma fazenda para outra. Sua mãe faleceu aos quarenta anos deixando oito filhos, todos com pouca idade. A mais velha na adolescência, o último com quarenta dias de nascimento. Zica é a segunda filha do casal, quando sua mãe faleceu ela tinha dezesseis anos de idade.

Quando se casou foi morar em uma cidade do interior, o seu marido trabalhava como pedreiro, mas logo seu pai o chamou de volta para a fazenda que era de sua propriedade, pois estava necessitando dos seus serviços. Assim, os recém casados foram para a fazenda morar na mesma residência com toda a família do marido. A família dele era composta de pai, mãe, quatro irmãs e oito irmãos.

Mudaram deste local quando o pai do seu marido vendeu a propriedade, vieram para a capital à procura de sobrevivência com oito filhos todos pequenos. Zica perdeu dois filhos ainda crianças, um de câncer no baço, e outra de causa desconhecida. Zica reside hoje com um filho solteiro de sessenta anos, sem trabalho

e alcoolista, com uma filha acima de cinquenta anos, também solteira, sem profissão e trabalho, porém ajuda a mãe nas atividades domésticas.

Nos recortes dos diálogos a seguir, temos o relato de Zica sobre como constituiu sua vida com seu marido e filhos, e como sente e percebe sua sexualidade na terceira idade.

Primeiramente, constatamos que uma das maiores dificuldades apresentadas pela Zica através de indicadores foram os falecimentos precoces de entes queridos, as inúmeras e significativas perdas afetivas, e os difíceis relacionamentos com familiares ao longo da sua vida.

A significação que lhes foram atribuídas desde o início dos diálogos, nos leva a considerá-los indicadores de suma importância na constituição de seu desenvolvimento. Talvez um ponto central para a compreensão do sentido e desenvolvimento da sua sexualidade, seu corpo, desejo, emoções, sensações, afetos e suas realizações. Conforme suas verbalizações a seguir.

Conversação:

Pesquisadora: Sua mãe faleceu no ano que você casou qual foi seu sentimento?

Zica: *Muito difícil. Eu fiquei muito preocupada com a vida, com os outros irmãos mais novos. A mais velha era casada, mas estava doente. Estava com fogo selvagem, uma doença tão difícil.*

Pesquisadora: Com a perda da sua mãe teve mudança na sua vida?

Zica: *Teve, muito grande. Me separar dos irmãos, todos pequenos; aconteceu o seguinte: papai era muito nervoso, quando resolveu autorizar o meu casamento falou: Não vai nenhum nenê te acompanhar, não é para ir ninguém junto com você. Eu tinha um irmão de quarenta dias. Precisava que eu cuidasse.*

Pesquisadora: E as perdas dos filhos, você conversava com o seu marido? Ou cada um sofreu no seu canto?

Zica: *Eu conversava, dando conselho para ele, (marido) animando-o, porque ele ficou desorientado, desequilibrado. Com a perda do menino ele ficou louco, ele já era um pouco fraco, então ficou maluco, falava muita besteira, desorientado demais, eu dava muito conselho.*

Completamento de Frases:

Perdas de: *Muito difícil as perdas de entes queridos.*

Observamos na verbalização, que o seu desenvolvimento foi constituído em um ambiente familiar que exigia dela constante preocupação com o outro, conseqüentemente ocasionou o esquecimento de si própria e uma vida sem expressão de afetividade com esposo e filhos.

Tornou-se cuidadora da família, resignando-se, sendo tolerante e anulando-se como mostram os indicadores a seguir.

Conversação:

Pesquisadora: Você acha que tem uma missão a cumprir?

Zica: *Minha missão é ser tolerante com a família... ser tolerante, procurar saber entender as pessoas, procurar o lado melhor das pessoas.*

Pesquisadora: Você foi resignada em todas as situações, foi a vida inteira?

Zica: *A vida inteira, se a gente tem que passar alguma coisa que tem no nosso caminho, a gente tem que passar, então por isso não vamos impedir o nosso caminho, vamos caminhar até o fim.*

Pesquisadora: Como você sente por ter anulado a sua vida?

Zica: *Não me sinto mal, porque foi por mim mesma, não fui obrigada, eu vi que precisava, tinha que ser daquela maneira e agi, deu certo, porque nunca tive*

*desavença com ninguém, nunca foi preciso judiar, espancar, todos obedientes, todos bons, deu tudo certo. Foi por uma causa justa, porque foi pelos filhos e pelo marido, porque se eu não anulasse, às vezes a gente não estaria junto, tendo o tanto de filho que a gente teve, e dando conta de cuidar deles. Tinha que separar.*

Os aspectos: resignação, tolerância e anulação a si mesma, aparecem interligados. Não são isolados, integrando-se em uma mesma unidade de sentido. Talvez esse sentido tenha sido gerado por falta de opção, ou em função da própria cultura da época. A mulher era símbolo de entrega e de serviços, vivendo somente para a família.

Zica continua relatando em quase todos os diálogos, a experiência pela qual passou, a necessidade de morar junto com toda a família do seu marido quando se casaram. Sua expressão sobre a situação é mais um indicador de que produziu sentidos subjetivos de dificuldades relacionais com os familiares do marido e também dificuldades conjugais.

Esses sentidos se converteram em uma fonte de dificuldades afetivas com os filhos. Com o marido gerou sentimentos negativos como mágoas, falta de diálogo, falta de apoio, os quais lhe trouxeram sofrimento, dor e solidão. Conforme suas expressões.

Conversaão:

Pesquisadora: Como foi o relacionamento com a família dele?

Zica: *Mas, foi difícil, muito difícil.*

Pesquisadora: E como que foi essa dificuldade?

Zica: *Eles tinham um sistema diferente. Eram um pessoal um pouco ignorante, então ficou difícil, mas eu entreguei tudo de corpo e alma. Difícil foi o*



*relacionamento com a família dele, com o marido não. Ele era muito bom e tudo, mas eu nunca reclamava pra ele daquela situação.*

Pesquisadora: E você foi suportando, sem falar nada com seu marido?

*Zica: Não, não falava, porque eram muito ignorantes, se falasse brigava e eu queria sair numa boa... Eles são de uma família assim, que não gostam de diálogo, quando a gente começava um diálogo ele abaixava a cabeça e saía.*

Pesquisadora: Você sofreu muito com essa situação?

*Zica: Sofri muito, muito, e calada.*

As experiências vivenciadas por Zica, desde o início da sua vida, tanto as familiares como as sociais, são fatores significativos para compreendermos como foi constituindo configurações subjetivas da afetividade.

Para González Rey (2004b), a categoria configuração subjetiva é constituída pela subjetividade em uma relação de recursividade entre o social e o individual. O individual é, ao mesmo tempo, constituinte do social dentro do processo em que se configura, num desenvolvimento permanente e inter-relacional.

Conforme a verbalização de Zica, percebemos a constituição de uma importante configuração subjetiva de sua personalidade, ser orientadora, conselheira, guardiã e cuidadora da família. Talvez também tenha gerado um papel de salvadora da família, pois desde a infância até os dias atuais, apresenta-se muito submissa, cuida de todos e de tudo de maneira resignada, conformada, solitária e triste, achando que deve suportar tudo e todos os problemas advindos dos conflitos familiares. Como demonstrou a seguir.

Conversação:

Pesquisadora: Esse seu jeito de entender as pessoas, o que você diz sobre isso?

*Zica: Isso foi muito bom porque papai era muito nervoso, fora do comum, eu já tinha aquela natureza desde pequena para ajudar, para entender, ele brigava com os peões, eu gritava com ele papai não faz isso, não bata, e ele deixava de fazer.*

Pesquisadora: Como você suportou a perda dos filhos e o desequilíbrio do seu marido?

*Zica: Eu lutava pra fazer, fazia tudo pra equilibrar a família. Então eu lutava pra ver se conseguia consertar, melhorar aquela situação. Tanto que se eu tivesse as vezes que ficar triste, chorar e reclamar era só. Sozinha, não tinha apoio de ninguém, não tinha como abrir.*

Pesquisadora: A que você atribui essa natureza de querer entender as pessoas?

*Zica: Eu não entendo muito bem. A gente já nasce assim, entende tudo. Acho que por isso sou feliz e cresci na vida, eu posso falar com Deus, sou benzida.*

Pesquisadora: Que sentimento trouxe essas mudanças do seu marido?

*Zica: Fiquei feliz, porque eu achava que era meu dever, minha obrigação eu teria vindo com ele (marido) para isso, ajudar. Cumpri a minha missão com ele. Eu o entreguei para Deus, bem diferente de como eu recebi... paguei, porque quando ele faleceu, faleceu bem, ele era uma pessoa boa, caridosa, muito alegre, de muita amizade, nunca fez nada errado, tudo eu corriji quando ele era mais novo e tinha aquela inclinação para o mal. Eu era como um mestre.*

Pesquisadora: Você poderia descrever a Zica de hoje, com seus sentimentos?

*Zica: Eu me sinto realizada, eu sabia e tenho certeza que o meu marido veio no meu caminho para eu ensinar ele a trilhar o certo na vida. Tanto é que ele não fez besteira. Ele era desorientado, desequilibrado. Então eu passei a compreender que eu só vim para o caminho dele para ajudá-lo, eu era endividada com ele, eu tinha que ajudar.*

Conforme suas verbalizações pudemos entender que gerou um sentido de não afetividade em relação à família, de dificuldade na formação de afetos em relação a seus pais, marido e filhos.

Notamos também que Zica fez, constantemente, o papel de mãe de seu esposo, dando-lhe orientação e apoio, devido ao seu desequilíbrio emocional, ao invés de carinho.

A família também foi importante para a produção de sentidos de sua sexualidade, sempre manifestada de forma racional.

Talvez não teve oportunidade de valorizar seus sentimentos afetivos, devido a necessidade de enfrentar, ainda na adolescência, vários problemas de ordem emocional, bastante fortes, tais como: o desequilíbrio emocional, o alcoolismo do seu pai, o falecimento da mãe, a efetivação do seu casamento com conflitos, insegurança, sentimento de medo, angústia, ansiedade e preocupação com a família do seu marido. Não se pode esquecer que era adolescente vivendo problemas e dificuldades emocionais de um adulto.

A família se converteu para ela em principal fonte de apoio, segurança, proteção, e aceitação de si mesma. Sua história, inegavelmente, passa pela história de sua família, num movimento recursivo e inter-relacionado de constituição subjetiva individual e social. Peres (2005) considera que a família é o espaço genuíno da constituição inicial do sujeito psicológico.

Completamento de frases:

O que eu mais gostaria: *de ter mais união entre familiares.*

O meu maior prazer: *É ver os filhos felizes.*

O lar: *É tudo. É como o ninho.*

Retornando mais uma vez à questão de como Zica subjetivou as experiências na família, compreendemos que cada membro foi significativo para seu desenvolvimento, embora cada um tenha contribuído de forma única e diferente para sua configuração da afetividade e sexualidade.

Entretanto, o que prejudicou talvez mais o seu relacionamento afetivo foram as vivências expressivas e significativas das três primeiras figuras masculinas da sua vida (pai, marido, filho primogênito) que apresentaram e apresenta, no caso do primeiro filho, problemas emocionais. Sua produção de sentidos da afetividade parece ter tido relações com essas figuras, para ela fontes de preocupação, medo e conflitos. Conforme suas verbalizações a seguir.

Completamento de frases:

Penso muito: *No filho mais velho que é alcoólatra.*

Conversação:

Pesquisadora: Zica que sentimento tem por esse filho mais velho?

Zica: *Nossa! Eu tenho dó demais! Me corta o coração, é uma pessoa indiferente a tudo, né, fico com muita dó, sem poder fazer nada, não tem jeito.*

Pesquisadora: Você preocupa com ele?

Zica: *Muito, muito. Todas às vezes que eu levei ele pra tratar foi assim pedindo perdão, já levei pra tratar, já internei em clínica, já internei particular em clínicas boas, volta do mesmo jeitinho.*

Pesquisadora: Como foi sua vida com seus pais e irmãos?

Zica: *Meu pai não tinha muito equilíbrio. Às vezes, ele tava até bem de vida, tudo correndo muito bem, de repente, ele queria mudar, não tinha quem segurasse, e a mamãe sofria com isso, porque ela pelejava falando com ele vamos ficar aqui, tá muito bom, tá dando pra viver, os meninos vão estudar.*

Pesquisadora: Com você como era o seu marido?

*Zica: Não tinha liberdade para nada. Por exemplo: morava na fazenda, se tivesse algum boiadeiro que iam muitos lá, na sala eu não podia passar. Tinha que dar a volta por fora. Eu obedecia sem falar nada, porque se desobedecesse ficava pior. Porque a natureza dele era forte, ciúme demasiado, doença.*

Para suportar toda a carga emocional diante das dificuldades de sua vida, Zica procurou suporte na religião, produzindo sentidos de fé, esperança e segurança. Subjetivou a religião como estímulo para reposição de suas energias, para uma posição ativa e para superação dos acontecimentos negativos de sua vida. Conforme suas expressões a seguir.

Conversação:

Pesquisadora: Você acha que a religião dá suporte para continuar a vida?

*Zica: Dá no momento que a gente está mais nervosa, desesperada na vida, a gente procura um livro religioso, pela leitura a gente encontra uma solução, aquilo dá um suporte muito bom, a gente só ergue, levanta a cabeça e vai caminhar.*

Zica, para manter sua integridade psicológica, buscou novas formas de lidar com os problemas advindos do conflito entre o filho solteiro alcoolista e a filha que moram com ela, através da criação de novos espaços de atuação social fora do vínculo familiar, ingressando como aluna da Unati (Universidade Aberta à Terceira Idade), e também pela dedicação à produção de poesias. Assim, ela não permitiu a naturalização da subjetividade social do envelhecer, produzindo novos sentidos das possibilidades de atuação do idoso. Conforme seus relatos.

Conversação:

Pesquisadora: A Unati melhorou alguma coisa para você?

*Zica: Melhorou muito, me trouxe uma renovação imensa, só de pensar que eu não preciso de me entregar, continuar com tudo que eu tenho vontade de fazer, estudar, tudo eu posso fazer. Eu sempre pensava estou velha, e não posso fazer nada, aquilo me embananava um pouco, agora eu sei que a idade não impede nada, impede só fazer o mal, o bem não...Parece que eu desinibi mais, pois eu era muito inibida por causa dos sofrimentos, então tira um pouco da gente dos momentos perdidos e difíceis.*

Nos recortes dos diálogos com Zica percebemos como sente a sexualidade na sua idade atual. Verificamos que, para ela, é natural o idoso continuar a ter desejo sexual. Também ressaltou a importância de demonstração de afetos e companheirismo, mas apresentou, para sua pessoa, uma idéia estereotipada de sexo, vinculado somente à procriação.

Deste modo, percebemos que os mecanismos subjacentes aos sentidos subjetivos dos seus afetos e de sua sexualidade foram e são constituídos nessa sua história com a família e com a cultura na qual está inserida, conforme suas verbalizações.

Conversação:

Pesquisadora: Como você vê a sexualidade, o sexo na terceira idade?

*Zica: Para muitos faz falta, mas para outros, já não faz para mim, por exemplo, já não faz falta mais... Eu sinto que não faz falta, porque eu não vou criar mais filhos eu não tenho desejo nenhum. Uma porque eu não tenho marido, que com certeza, se eu tivesse às vezes lá uma vez por outra, tinha validade, acho que tudo é normal na vida.*

Pesquisadora: Como você vê as pessoas na terceira idade procurando novos parceiros?

Zica: *Eu vejo como normal, porque é falta de companhia mesmo, quer um companheiro para todas as horas, para um passeio, para estar em casa, repartir alguma coisa com ele, e muitos também quer sexo, gosta, sente prazer, é forte.*

Pesquisadora: O prazer sexual você acha que é normal na terceira idade?

Zica: *Eu acredito que seja normal, mesmo na pessoa de mais idade, de certo é saudável, pode ser normal. E também tem o companheirismo, é de todas as horas, como dizem sexo não é só fazer o sexo, é uma carícia, um beijinho, um abraço, acho que isso não acaba, as carícias não acabam.*

Para Vygotsky (1984/2002), o indivíduo se constitui e é constituinte da cultura em que está inserido, de acordo com sua história, em um processo singular, implicando momentos constitutivos anteriores da sua vida, os quais dialogam como o seu momento atual.

A partir da análise construtiva – interpretativa sobre Zica foi possível construir os principais indicadores dos sentidos subjetivos de sua sexualidade:

a) As inúmeras e significativas perdas afetivas, e os difíceis relacionamentos com familiares ao longo da sua vida;

b) Preocupação com o outro, ocasionando o esquecimento de si própria e influenciando sua sexualidade e sua vida afetiva com esposo e filhos;

c) A racionalidade dos afetos com os filhos. Tem consciência da sua dificuldade de expressão afetiva com seus familiares. Almeja tranquilidade, liberdade e estabilidade no meio familiar, defendendo seus próprios espaços conforme suas experiências, vivências e ideais;

d) Zica procura reconstituir-se nas diferentes áreas de sua vida, mas diz não sentir falta das atividades sexuais e não vê necessidade de reconstruir sua vida afetiva

íntima. Para ela é natural o idoso continuar a ter desejo sexual. Também ressaltou a importância de demonstração de afetos e companheirismo entre casais idosos;

e) Zica tem consciência que a idade não impede a demonstração e a vivência de afetos, também tem opinião positiva sobre a sexualidade dos idosos e vê com naturalidade a prática de atividades sexuais nessa idade;

f) Apresentou idéia estereotipada de sexo, vinculado somente à procriação. Essas idéias são compatíveis com sua história afetiva, permeada de repressão, medo, vergonha e o sexo ligado à procriação, considerado de importância secundária o prazer sexual.



**Segundo sujeito participante: Jô**

Os momentos de interação do sujeito participante com a pesquisadora realizaram-se em oito encontros, com duração de duas horas cada um.

Jô, setenta e quatro anos, casada por três vezes. É caçula dos sete filhos do segundo casamento de seu pai lavrador e alfabetizado. A sua mãe do lar e analfabeta, teve este como seu primeiro e único matrimônio. A sua família era constituída de quatro irmãs e dois irmãos.

Jô iniciou seus estudos em torno de dez anos de idade, cursou o primeiro grau completo, pois foi criada juntamente com os irmãos na zona rural do interior do Amazonas. A família foi para este local como retirante de seca do nordeste.

Casou-se a primeira vez na adolescência, aos quinze anos, ele aos vinte e seis, também seu primeiro matrimônio, era alfabetizado e lavrador. Tiveram cinco filhos, esse relacionamento durou cinqüenta anos, quando seu marido veio a falecer.

Todos seus cinco filhos casaram, três deles ainda permanecem no primeiro relacionamento. Dois filhos separaram-se de seus cônjuges e até neste momento não refizeram sua vida conjugal.

Durante todos os diálogos com a pesquisadora, demonstrou sua afetividade para com a família, além da sua intensa força e capacidade para desenvolver, cultivar e manter seus próprios espaços.

Também manifestou prazer de conviver com seu primeiro esposo, confessando que o amou mais que aos outros dois maridos. Conforme seus depoimentos.

Conversação:

*Jô: Ana, esse rapaz foi o meu primeiro marido, meu primeiro namorado, minha primeira pessoa, o meu primeiro homem e eu vou dizer uma coisa pra você, eu tive*

*dois maridos, mas eles morreram, estou vivendo com o terceiro, mas, o primeiro marido não esqueço dele, foi uma coisa bonita.*

*Estou com esse terceiro, eu gosto de todos, mas esse primeiro, não saí da minha mente, o primeiro foi àquela alegria, aquela lembrança, daquelas coisas tão difíceis, mais eu sinto, que era aquelas coisas difíceis que existia o amor, a paz, a felicidade, o aconchego, ainda sinto aquela mesma emoção. Aquilo foi um amor, concretizado dentro de mim e só sai quando eu morrer.*

Aqui vemos a capacidade de Jô para construir e elaborar suas experiências e suas perdas afetivas, sem se colocar no papel de vítima. Demonstra a sua capacidade de organização interna diante da realidade, qualidade essa que lhe permite construir e defender o espaço subjetivo singular de sua afetividade ante as infinitas pressões sofridas. Por exemplo, os preconceitos e idéias estereotipadas negadoras da afetividade e sexualidade do idoso.

Ao refletir com ela se na sua família existia diálogo entre os membros e se as decisões eram tomadas em conjunto por seus pais, apareceu um elemento que constitui um indicador da sua submissão à família de origem em uma realidade social específica.

Imperava a autoridade do pai perante todos os membros da família. Diante de suas expressões a seguir, ficou muito evidente a submissão da mulher. Assim, o processo subjetivo de sua sexualidade foi sendo constituído dentro de um cenário de submissão total feminina da época.

Conversação:

Pesquisadora: Como era o relacionamento afetivo da sua mãe com seu pai?

*Jô: Ana era o seguinte a minha mãe, naquela época, eu tenho uma lembrança, quem falava era o pai, a minha mãe ouvia junto com a família e fazia o que o pai*

*mandava. Só que eles não brigavam, porque a minha mãe cumpria o que ele falava o que ele dizia, as ordens que ele dava cumpria junto com nós.*

*Me lembro, que ele (pai) era uma pessoa trabalhadora, passiva, e falava assim todo mundo ouvia, calado e cumpria, aí minha mãe falava depois pra nós, vocês viram o que seu pai falou tem de obedecer, é pra ser desse jeito, era assim, todos obedecia calado, e não achava ruim, não tinha reclamação e nem palavrão.*

Aqui Jô expressa, com clareza, como era sua obediência e de seus irmãos com um pai autoritário. No entanto, sua capacidade de estar envolvida simultaneamente em vários campos, nos leva a constatar, sua capacidade de enfrentar e superar o ambiente repressor, uma expressão da sua produção de novos sentidos subjetivos dessa realidade. O sentido é configurado historicamente e socialmente, embora nem sempre acessível à consciência, permite que o sujeito organize qualitativamente sua experiência (González Rey, 2003a).

Jô viveu dentro de um sistema de valores rígidos e o diálogo entre pai e filhos quase não existia. Desse modo, o diálogo abaixo nos introduziu em um importante núcleo de sentido subjetivo da sua sexualidade, entrelaçado com um dos núcleos de sentido da subjetividade social da época: proibição, vergonha, medo e pecado. É interessante como esses significados morais se desdobram de formas diversas e adquiriram significados diferentes e singulares na sua vivência afetiva.

Conversações:

Pesquisadora: O seu pai deu a resposta para o rapaz autorizando seu noivado sem conversar nada com você?

Jô: Ele não perguntou nada, nadinha, só ficou observando o rapaz, e foi explicando pra mim assim: a partir de hoje você passa a ser noiva dele, fui dá o sim hoje, já sei quem é ele, ele é solteiro, mas vou escrever pro Ceará pra ver se é solteiro

mesmo, e a partir de hoje você tem uma grande responsabilidade, foi o que você quis, ainda na idade que você está.

Pesquisadora: Você falou alguma coisa para o seu pai?

Jô: *Nada, ninguém falava nada, fiquei calada, muda, e chorando, ai ele (pai) disse: Toda quarta-feira ele vem aqui às seis horas da tarde, e você senta aqui e ele senta lá (para que eles pudessem noivar). Sentava onde ele (pai) mandou, ai, minha mãe e meu pai sentava no meio de nós dois. Quando meu pai distraia nós conversava por aceno. Ai, Ana esse rapaz mandava carta, ele sabia escrever, mas era a minha amiga que respondia, porque eu só sabia assinar o nome. De tanto medo, queimava, nem rascava, queimava mesmo, chorando, era um negócio muito escondido.*

A subjetividade social aqui representada era bem peculiar de sua época. A sexualidade era vista e tratada como algo proibido. Assim, as primeiras concepções de sexualidade vividas por ela estavam relacionadas com a cultura da época, constituída e constitutiva das pessoas que viveram aquele período.

Essa é a condição histórica do seu processo ontogenético. Para Vygotsky (1984/2002), estudar um problema sob o ponto de vista do desenvolvimento é revelar a sua gênese e suas bases dinâmico-causais, que são as revelações subjacentes do fenômeno por meio da explicação, em um constante processo dialético.

Os depoimentos de Jô confirmam que as subjetividades sociais influenciaram o processo do seu desenvolvimento e da sua vida afetiva. Conforme Leontiev (1964), o psiquismo humano e a consciência humana transformam-se igualmente de maneira qualitativa no decurso do desenvolvimento histórico e social do indivíduo.

Jô, na sua singularidade, posiciona-se como sujeito perante os acontecimentos da sua vida, dá os primeiros passos tentando sair do sistema repressor familiar. No

trecho abaixo, observamos uma complexa produção de sentidos, de seu desejo. Mesmo não tendo consciência de sua produção, demonstrava o anseio de ser independente do sistema familiar repressor.

Conversaão:

Pesquisadora: Como então conseguiu namorar com esse rapaz?

Jô: *Então foi assim: ele mandava as cartas e minha amiga lia pra mim e respondia. Um dia, era num domingo, estava de pé no terreiro da minha casa, ele ia passando lembro como fosse hoje, ele disse assim: Hoje vou pedir você em casamento. Eu entrei pra casa e fiquei tremendo, tremendo e falei com minhas irmãs pelo amor de Deus ele falou isso pra mim. Logo eu, meu pai vai me matar, eu sou a caçula, se fosse você Júlia, fosse você Viviane, eu sou a mais nova, fiquei naquela agonia, mas, fomos ficar na sala pra escutar a conversa.*

*Ai ele sobe, meu pai mandou ele subi, ai ele falou assim: Ô seu João, eu vim aqui não foi pra fazer visita, mas pedi a sua filha em casamento. Qual? Ele disse essa ali, e me apontou. A minha filha em casamento? Logo a minha caçula? Ele disse: sim, senhor. Ai, ele (pai) olhou bem pra mim, bem forte. Ai, eu sai lá pra dentro calada e chorando.*

*A minha mãe veio falando, agora você agüenta você foi culpada, você deve ter dado sim pro rapaz e o rapaz esta ai, agora, vamo ver o que vai dar, eu não posso fazer nada, é seu pai que vai resolver.*

Esse é um indicador do caráter ativo da Jô, pois independente do sistema familiar rígido, desenvolveu seu próprio jeito de ver e lidar com a situação, conseguindo posicionar-se como pessoa, conservando sua singularidade, apesar das pressões.

A medida que a dinâmica de conversação avançava, Jô se mostrava cada vez mais capaz de assumir posicionamento em face das diferentes situações de sua vida, tornando-se sujeito de sua própria existência. Conforme observamos nos seus relatos.

Conversação:

Jô: *(Meu pai me perguntou) Quando você encontrou com ele? Não encontrei, meu pai, ele passou e disse que ia me pedir em casamento, eu só balancei a cabeça e mais nada. Ai ele disse: vai pro quarto, fui chorando. Ai, Ana passou muito tempo, ele deixou de vim na minha casa, mas continuava com o bilhetinho, pra lá e pra cá, eu chorava de noite deitada na rede. Ana, eu queria aquele homem pra mim, eu tão criança Ana, mas queria, eu queria ter liberdade, eu queria ser diferente.*

Conforme González Rey (2003a), o sujeito é definido como um indivíduo em seu caráter interativo, consciente e volitivo, que, ativamente, constitui o sentido de suas diferentes experiências no curso do desenvolvimento da personalidade. Nessa direção, a categoria sujeito constitui uma peça-chave para o entendimento dos complexos processos de constituição subjetiva de sua sexualidade e de seu desenvolvimento, tanto dos processos sociais como dos individuais conforme sua história de vida.

Na medida em que Jô consegue expressar-se de forma livre e criativa nos diálogos, aparecem novos elementos que ressaltam a subjetividade social como elemento dominante, bem característico do contexto social em que viveu e que representa mais um indicador da constituição do sentido subjetivo de sua afetividade e sexualidade.

Portanto, Jô se posiciona diante de opções diversas e é neste posicionamento, na construção de sua opção, que aparece o mais importante dos sentidos subjetivos

essenciais à singularidade da pessoa, a consciência, que, segundo Leontiev (1964) é a forma histórica concreta do seu psiquismo.

Conversação:

Pesquisadora: Quando estava noiva teve oportunidade de conversar com seu noivo alguma vez sozinha?

Jô: *Ai, quando foi um dia minha prima vem lá da cidade, ela disse assim: o tio hoje vai fazer feira na capital, era uma hora de viagem. Ai nos vamos lá pra casa de farinha, agente avisa seu noivo, ele vai pra lá. Ai, vocês vão sentar juntos.*

*Ai foi eu, a cabocla (prima) e minhas irmãs, ficamos lá, eu tremia, suava. Ai, ele pegava na minha mão, e eu puxava a mão. Ai nos conversamos, ele falava assim: Olha! Não tenha medo de mim não, você vai ser minha mulher, e eu seu marido, nos estamos noivos, não tenha medo de mim, eu quero bem a você. E você? Eu também quero você bem. Ai, quando meu pai foi dar ordem, de nós sentar junto pegar na mão faltava uma semana antes do casamento.*

Imbuída da subjetividade social, Jô constituiu seu primeiro relacionamento conjugal perante a falta de conhecimento sobre a sexualidade e o sexo.

A sua sexualidade estava sendo desenvolvida nesse contexto, com as significações construídas culturalmente e que foram se transformando ao longo de seu desenvolvimento, através de suas experiências. Como podemos observar na análise do trecho abaixo, quando aborda o tema da sua relação amorosa com seu primeiro marido.

Conversação:

Pesquisadora: Você teve alguma orientação quanto à sua noite de núpcias?

Jô: *Ana, nunca tocavam nisso, ninguém sabia nem que era isso. Foi no dia do casamento, minha cunhada, a mulher do meu irmão mais velho, me chamou lá de*

*trás da casa, e falou assim: Olhe! Minha filha! a vida de casado não é assim como você está pensando, existe coisa muito diferente. E o qui é Diná? Qual é a diferença? Não minha filha, deixa isso pra lá, agente com a vida vai vivendo, também casei novinha, de nada sabia, depois aprendi tudo. Devido a minha alegria, eu nem liguei pro assunto, não desconfiava de nada, nada daquele assunto.*

Pesquisadora: Você se casou sem saber nada sobre sexo?

*Jô: Nada, nada, Ana. Nada, nada, Ana. O que eu pensava, que agente casava pra ser dona de uma casa, e viver naquela casa pra cozinhar, lavar, passar, passear, e fazer tudo na casa.*

A partir dessa concepção de casamento elaborada por Jô, na sua experiência pessoal, vê-se uma instituição em que a mulher é somente para a realização dos serviços domésticos.

Neste momento do casamento, Jô não tinha consciência de sua sexualidade e menos ainda das relações sexuais mantidas entre casais, exigida até nos dias atuais para que uma união entre homem e mulher se efetive legalmente. Conforme observamos nas suas verbalizações abaixo.

Conversação:

Pesquisadora: Jô como foi à saída da casa dos seus pais para sua casa?

*Jô: Nós fomos pela vereda pra nossa casa, eu na frente e ele atrás naquela alegria, como quase uma criança, não ia pensando em nada, pensava que ia chegar lá armar minha rede, me deitar, dormir tudo bem né.*

*Ai quando chegou, ele abriu a porta, entrou no quarto, ai eu vi quando ele passou a chave no quarto, e eu continuava não pensando em nada. Ai quando ele chega, senta na beira da rede, ai ele foi se deitando e puxando o coberto. Ai eu disse: Virgem Maria! O que que isso? Fiquei assustada, o que que isso? E pensava,*



*esse homem vai dormir comigo? Ai ele falou assim: Olha! Tira o coberto em cima de você, não tem problema, nós somos casado. Mais sempre falando delicado, ele nunca foi grosseiro Ana. Vai armar sua rede. Ai ele disse: Não, vou dormir com você. Ai, eu disse comigo não, eu não durmo com ninguém, que que isso?*

*Ai ele disse: nos somos casados, você é minha mulher e eu sou seu marido, casamento é assim. Eu falei: Pra dormir junto não.*

Pesquisadora: Ele explicava o que era ser marido e mulher?

*Jô: Ele só falava que a vida de marido e mulher era diferente quando a pessoa é solteira na casa dos seus pais, é bem diferente, agente tem de viver diferente.*

Pesquisadora: Você lembra o que pensava quando ele falava que a vida de casado era diferente?

*Jô: O que eu pensava, era que eu tinha de trabalhar em casa, não ir pra roça mais, porque agente sempre foi para roça né. Fazer comida, lavar roupa, arrumar casa. Ele já tinha comprado um monte de galinha e porco, e dá a comida pros animais e cuidar dos animais, e essa coisa toda né. Mais sentia que eu queria bem ele.*

*Ai, ele ficava ali, conversando comigo, e falava assim, que marido e mulher tinha de fazer uma coisa diferente, tinha de usar, fazer, todo mundo fazia isso.*

*Ele foi muito paciente Ana, foi uma pessoa muito educada. Ele conversava muito comigo, dizia: Eu sei que você é muito nova, não sabe nada da vida, mas eu já tenho essa idade de vinte e seis anos, já sei da vida. Mais não se preocupe, porque não vou te maltratar. Ai eu sossegava, porque pensava, ele não vai me bater.*

*Ai Ana quando foi acontecer, foi após doze dias do casamento, como se diz eu já estava aproximando dele, ele com carinho e conversando comigo esses dias todos.*

Verificamos que diante do sentimento incógnito e novo de Jô, de uma situação também desconhecida, permeada de segredo e curiosidade, como tudo que se refere ao sexo até nos dias atuais, aparece um indicador de que sua sexualidade, naquele momento, era de medo de algo que sabia que existia, mas não sabia como era.

Mesmo assim, Jô subjetivou a experiência como algo agradável. O sentido que dava a essa emoção era de uma coisa boa, alegre, afetiva, tendo grande possibilidade de esses sentimentos terem sido gerados em função do bom senso, dos carinhos e dos diálogos do marido, talvez típicos de sua personalidade, porque em todos os colóquios Jô expressou somente características positivas sobre ele.

Jô vem produzindo sentidos, nessa direção, para as situações que são novas em sua vida. Sentidos de uma sexualidade sem culpa, sem considerar anormal a vivência primeira com o marido. Desse modo, viver junto representa para ela um dos aspectos saudáveis, uma manifestação rica e vital do desenvolvimento de sua sexualidade e afetividade.

Verificamos que a idéia de casamento e sexualidade é um conceito histórico e culturalmente construído, oferecendo valorações diferenciadas conforme a época e a experiência pessoal e a subjetivação de cada indivíduo.

Entendemos que Jô foi mudando, em um processo dialético, sua concepção de sexualidade ao longo da sua vida.

Conversação:

Pesquisadora: O que pensava sobre sexo?

Jô: *Não sabia, não pensava em nada, pensava que casar era só cuidar da casa, não pensava sobre isso, não tinha a sensação de vagina como hoje se tem, não pensava em nada, nada.*

Pesquisadora: Que sensação é essa de vagina?

*Jô: De ter vontade, de ter desejo. Só tinha aquela coisa bonita, aquele amor lá de dentro, de agarra e de abraça, de ter aquele pessoa perto, não pensava em outra coisa Ana, acredite na minha palavra. Era um amor ingênuo, ninguém tinha falado nada, e eu não pensava em nada disso.*

Sua idéia de casamento e sexualidade era distanciada da idéia de casamento e sexualidade vividos pelos casais contemporâneos, até mesmo da própria idéia que ela tem hoje.

Hoje, Jô percebe suas mudanças e as da sociedade, compreendendo a sua trajetória de desenvolvimento.

Jô foi descobrir, depois, com suas mais íntimas experiências sexuais as sensações, o corpo, o desejo e, principalmente, o sentido que tem a sexualidade para ela hoje. Conforme relata no trecho abaixo.

Conversação:

Pesquisadora: Jô à medida que foi relacionando com seu primeiro marido você sentia prazer sexual?

*Jô: Vige! Ana foi quando chegou a coisa boa pra mim, o prazer. Ai Ana, o amor era tão grande, que não fiquei com trauma de tudo aquilo que passei, eu tinha prazer de viver com ele, fui muito feliz. Ana, do segundo marido eu tinha prazer e do terceiro tenho prazer.*

Com cada marido Jô expressou emoção e afetividade. Também gerou inúmeros e diferentes sentidos subjetivos de cada uma das experiências. Foi através dessas que se deu o desenvolvimento da sua sexualidade. A primeira experiência conjugal foi tão gratificante e prazerosa, que subjetivou como sendo bom ter sempre um companheiro para ser reconhecida, valorizada, amada e ser feliz. Conforme suas verbalizações.

Completamento de frases:

Meu casamento: *Tenho três e sou feliz.*

Carinho de: *Gosto de ser acarinhada principalmente pelo sexo oposto.*

Hoje, eu: *Tenho 74 anos, gosto de amar cada vez mais.*

Conversação:

Jô: *Digo com sinceridade, Deus é tão bom pra mim que fui e sou feliz com todos, eles são bons pra mim, foram pessoas sem vício, só trabalham, me trata muito bem.*

Jô: *Ana, eu tenho amor pelos meus maridos, aquele amor, aquele zelo aquela coisa bonita em mim, graças a Deus. Os três foi por amor, não fosse por amor não acontecia. Todos três foram compreensivos.*

Verifica-se que Jô demonstra conhecer a existência da necessidade de estar bem consigo mesma, e elabora um sentido de que os três maridos foram compreensivos e que os amou intensamente, demonstrando na maioria do tempo sua afetividade e a coragem do enfrentamento do novo, numa demonstração peculiar de sua personalidade. O seu envelhecimento e sua sexualidade constituem-se e são constitutivos dessas histórias.

**Segundo casamento:**

Casou-se a segunda vez aos sessenta e seis anos e o marido com sessenta e hum anos, ele era alfabetizado e encanador. Esse relacionamento durou três anos, quando seu marido veio a falecer.

Observamos nos diálogos da Jô, por meio de indicadores de suas emoções que houve um distanciamento de seus afetos com o segundo marido, pois ela estava passando por diferentes sofrimentos com tensão e de contradição de sentimentos. Ainda não tinha esquecido do seu primeiro relacionamento afetivo. Conforme seus depoimentos.

**Conversação:**

*Jô: Eu nunca pensei na minha vida em ter outra pessoa, eu sempre dizia que num queria mais ninguém, aconteceu só pode ser o destino, porque eu fui assim muito distante dele. Ana eu pensava assim: poxa e o meu primeiro marido foi o meu homem da minha vida, e eu com segundo homem.*

*Meu segundo marido eu sempre tive cerimônia com ele, eu não sei Ana, eu não tirava minha roupa junto dele, ele me convidava pra tomar banho eu não aceitava, eu sempre inibida pro lado dele e ele era uma pessoa amorosa, carinhoso, conversava muito comigo, ele era uma pessoa muito educado, mas sempre tive essa cerimônia com ele até de conversar. Eu ficava assim tão inibida e sempre continuei inibida com ele.*

Outro importante sentido que Jô expressa era a sua cerimônia, inibição e distanciamento com o segundo marido. Talvez, as lembranças do seu primeiro marido estivessem ainda muito presentes na sua vida, pois só tinha um ano de sua morte. Foi muito forte e intensa a relação e o vínculo afetivo duradouro entre o casal, assim não houve tempo suficiente para superar a perda tão significativa para ela.

Outro indicador de sentido expresso foi a falta de fortalecimento dos vínculos afetivos com o segundo marido, talvez pelo pouco tempo de vida conjugal, apenas três anos, e também devido a pouca verbalização de Jô sobre esse marido durante a dinâmica de conversação.

### **Terceiro casamento:**

Casou-se a terceira vez aos setenta anos e o marido com cinquenta e nove anos. Ele é feirante, analfabeto. Estão juntos há quatro anos.

Conforme seu relato nos introduziu ao outro importante sentido subjetivo. Nesse relacionamento Jô já está mais liberta do seu passado e manifesta mais afinidade com seu atual companheiro do que com o segundo.

#### Conversação:

*Jô: Com esse terceiro eu sou muito liberal, eu me sinto muito à vontade com ele, agente faz tudo que quer, naquela alegria, sorrindo, olhando pro outro, eu não sinto cerimônia desse homem de jeito nenhum.*

*Às vezes eu penso assim comigo, porque eu sou assim com ele, eu acho que eu gosto muito dele, ele é uma pessoa muito simples, calado, mas uma pessoa amável, carinhoso, ele sabe me conquistar.*

*Meu relacionamento com essa terceira pessoa é muito bom. Ele mostra gostar muito de mim, eu sinto isso nele, porque ele tem um amor muito grande por mim, tenho certeza que não é falsidade, eu também sinto amor por ele, gosto dele, ali existe uma combinação muito importante. A gente é muito feliz, ele me trata muito bem e ele é uma pessoa muito calma, passiva. Ele me elogia muito, ele me quer muito bem.*

Diante do exposto percebemos que na medida em que Jô foi vivenciando suas experiências afetivas e outras múltiplas diferentes experiências em períodos distintos da sua vida, foi se constituindo em sujeito singular que produz sentidos únicos. Busca novas formas de atuação social vinculadas à sua singularidade e através do enfrentamento da vida.

Assim, houve mudanças das concepções e atitudes quanto à sua sexualidade, pois a vida é uma infindável redescoberta e redefinição, um processo permanente de crescimento que não diminui com o passar dos anos. Conforme Vygotsky (1984/2002), o sujeito atua ativamente na constituição da subjetividade, como um ser histórico, constitui-se e é constituído nessa história, e está em constante desenvolvimento.

Observamos por meio de suas expressões e de vários indicadores, como suas experiências afetivas com seus três maridos foram satisfatórias e gratificantes. Assim, gerou sentido positivo da sexualidade: prazerosa e reconfortante na terceira idade. Como evidencia nos seus relatos.

Conservação:

*Jô: Ana, esse meu marido o terceiro, ele fala pra mim o seguinte: Nem todas as mulheres de vinte anos têm assim aquela coisa boa e bonita como eu. Eu sou assim, duas vezes por semana sou mulher pronta pra tudo, sinto prazer e gosto de fazer.*

*Ana, eu gosto de fazer aquilo, quando faço sexo, eu sinto assim, vigor, vida, fico sorridente, tomo meu banho, fico alegre, faço lanche pra nós, é aquela alegria, parece que estou revivendo mais ainda aquela saúde.*

As relações afetivas de Jô foram sendo constituídas, dessa forma, ao longo da vida, não sendo, portanto, um aspecto do envelhecer. Para ela, a sexualidade não está relacionada à ideologia capitalista do envelhecer, visto como um processo de perdas,

declínio e exclusão. Para a ela, o envelhecer produz novos sentidos cheios de possibilidades e emoções, de alegria e saúde.

Para González Rey (2004a) a saúde é um processo dinâmico que possibilita “experimentar o bem-estar, sentir-se motivado para a vida e com interesses definidos em relação às pessoas e as atividades concretas” (pp. 1-2).

A saúde na visão de Minayo (1999) é o *locus* onde se articulam os conflitos e as concessões, as tradições e as mudanças e onde tudo ganha sentido, uma vez que nunca há apenas um significado.

Mesmo que Jô expresse constantemente a satisfação por ter uma vida sexualmente ativa e prazerosa, verifica-se a existência de outro sentido subjetivo de sua sexualidade, apresentado explicitamente por meio de indicadores, a vergonha de ter atividade sexual na velhice e sentir prazer. Conforme seus relatos.

Conversação:

Pesquisadora: Jô você não o rejeita por que?

Jô: *Porque eu sinto vontade Ana. Porque estou querendo mesmo, estou querendo, eu tenho desejo. Acredita isso? Era isso que tinha vergonha de te falar.*

Pesquisadora: Você tem vergonha é de sentir prazer?

Jô: *Então falar pra Ana que eu gosto e que toda semana procuro ele, e ele me procura, agente se acarinha, tem amor. Eu sentia vergonha disso. Ana, eu vou falar: Quando agente faz, tenho um desejo, quanto eu faço, eu sinto tanta coisa gostosa, eu tenho um prazer, é tão interessante.*

Pesquisadora: Você tem vergonha de sentir prazer por causa da idade?

Jô: *Por causa da minha idade Ana, fico assim envergonhada, você já notou? Fico até vermelhinha de falar que sinto prazer e gosto de fazer nessa idade.*



Esse pensamento de ter vergonha diante da atividade sexual prazerosa na sua idade é gerado pela existência de preconceitos e idéias estereotipadas constituídas pela subjetividade social da atualidade. Conforme Lopes (1993), a sociedade vê o idoso um ser que não tem interesse sexual, que não precisa de sexo e que fica até feio pensar e fazer. Bruno e Bruno (1998) complementam ser importante que a sociedade entenda que a idade pode reduzir a força, mas nunca bloquear o desejo e o prazer sexual.

Diante dos relatos de Jô, nota-se que ela ultrapassa as barreiras dos preconceitos sociais contra a terceira idade, contorna os conceitos sociais estereotipados da sexualidade dos idosos, demonstrando a possibilidade de outros significados de sexualidade para a terceira idade, tais como aconchego, carinho, auto-estima, afeto, lealdade, emoção e romance.

Outro sentido expresso pela Jô é a necessidade de confirmar se suas atividades sexuais prazerosas são normais, devido ser mulher e idosa. Conforme observamos em suas verbalizações.

Conversação:

*Jô: Sobre essa parte de sexo na minha idade setenta e quatro anos, eu sou uma pessoa normal nesse assunto Ana?*

Pesquisadora: O que é normal para você?

*Jô: Normal porque eu sinto vontade, eu tenho desejo, que alguém me aqueça, eu sinto aquela vontade daquele abraço, daquele beijo, daquela coisa boa. Então depois quando acontece Ana, eu me sinto viva, alegria de viver, eu me olho no espelho digo: Tem ruga mais eu sou nova, sou uma pessoa normal, ah! Que coisa boa!*

Pesquisadora: Você acha anormal sentir prazer nessa idade? E que os idosos não mais precisam de sexo?

Jô: *Ana, no meu pensar, na minha pessoa, o que eu sei, é que as pessoas têm necessidade de sexo sim, em qualquer idade. Mais si prende, é aonde que vive errada, é onde estão erradas.*

Pesquisadora: Erradas em que?

Jô: *Erradas em não se dedicar, em não querer, não ter vontade, vive morrendo, mas não procura, não aceita. Às vezes agente conversa, eu digo assim: Gente isso é vida. Elas (colegas de sala de aula) falam assim; por isso que você é pra frente. Eu respondo: Eu não sou pra frente, eu sou uma pessoa normal, sou natural, sou mulher, sou viva, estou viva.*

Neste diálogo constata-se que as possibilidades percebidas por ela são características de sua personalidade, de suas subjetivações, emoções e pensamentos advindos de sua história de vida, os quais são reorganizados diante de situações novas.

A complexidade do seu processo de desenvolvimento demonstra que ampliou sua capacidade de dinamizar atitudes benéficas para o encontro do prazer sexual. Este é um indicador de sexualidade saudável, sem medo, sem culpa, pois tem liberdade de expressão, sente-se inteira, viva, tem desejo, amor e carinho, como ela própria diz: “*é vida, é saúde na terceira idade, eu sou uma pessoa normal, sou natural, sou mulher, sou viva, estou viva, eu vou é viver*”.

A forma apresentada por Jô, ao posicionar-se sobre sua sexualidade, permite que construa um sentido singular da sua sexualidade, contribuindo para desmistificar os preconceitos e estereótipos existentes na sociedade contemporânea contra os idosos.

Assim, na sua singularidade, contribui para que a sociedade tenha uma visão mais positiva da sexualidade na terceira idade, desmistificando a idéia do idoso assexuado. Conforme Kreutz e Muller (1999), a capacidade de sentir prazer e emoções não tem limite de idade.

Segundo Risman (1999), devemos acreditar que podemos exercer a nossa sexualidade e que ela está viva dentro de cada um, independentemente da idade. Mas também é preciso ter coragem para derrubar todos os conceitos e preconceitos existentes a fim de se manter o exercício da sexualidade sem culpa e medo, pois se o idoso estiver psicologicamente e organicamente saudável, o desejo de prazer poderá existir durante toda vida.

A partir da análise construtiva – interpretativa sobre Jô foi possível construir os principais indicadores do sentido subjetivo de sua sexualidade:

a) A demonstração de sua força e capacidade para desenvolver, cultivar e manter seus próprios espaços afetivos;

b) Jô tem consciência que seu corpo é biológico, submetido à alteração decorrente do tempo, mas para ela o seu corpo está impregnado de sensação de prazer, afetos e emoções;

c) Jô fala de sua sexualidade, deixando emergir seus sentimentos de liberdade e sem medo de relacionar-se afetivamente. Ela manifesta sua sexualidade sem culpa, sem considerar que esta atitude ou sentimento seja anormal na sua idade. Para ela, viver plenamente sua sexualidade e sentir prazer sexual está associado à boa saúde física e psicológica;

d) Jô deixa explícito o valor dos afetos íntimos em sua vida. São as emoções resultantes desse sentido subjetivo dominante em sua existência que lhe deram

segurança nas vivências saudáveis afetivas que manteve nos seus três relacionamentos conjugais;

e) Apresenta-se como uma pessoa feliz, saudável, cheia de vida e tem ideais para serem atingidos. Não responde à subjetividade social que, ainda, compreende o envelhecimento como um processo de perdas, declínio e exclusão, de um ser assexuado;

f) O prazer da primeira experiência conjugal fez com que gerasse o sentido de que é bom ter sempre um companheiro;

g) O sentido positivo de uma sexualidade prazerosa e reconfortante na terceira idade, cujo indicador é a expressão de uma experiência boa com os três maridos;

h) É afetiva, tem prazer sexual e, juntamente, carinho, afeto, companheirismo, aconchego, auto-estima e saúde;

i) O prazer sexual, indicador de sexualidade saudável, sem medo, sem culpa. Sente-se inteira e viva.

### **Terceiro sujeito participante: Lucas**

Os momentos de interação do sujeito participante com a pesquisadora realizaram-se em cinco encontros, com duração de duas horas cada um.

Lucas nasceu no Estado do Maranhão permanecendo neste Estado até aos quinze anos de idade. É filho único do segundo casamento do seu genitor. Sua mãe casou-se somente uma vez, era do lar. Lucas na sua infância sofreu duas perdas irreparáveis, seu pai, aos dois anos, e sua mãe, aos dez anos de idade. Após a morte de sua genitora foi criado por cinco anos por sua tia, até mudar-se para o Estado de Goiás, para estudar e trabalhar.

Lucas tem sessenta e sete anos. Casado há trinta e dois anos. Casou-se somente uma vez aos trinta e quatro anos e a esposa aos vinte e oito anos, também seu primeiro matrimônio. Tiveram três filhos. Atualmente mora com sua esposa e um casal de filhos solteiros.

Cursou até o segundo grau completo, é aposentado, mas para completar a sua renda financeira atualmente é vendedor autônomo. A sua mulher tem nível superior, é Assistente Social da área de saúde da rede Estadual.

Nos relatos iniciais de Lucas, percebemos como a perda da sua mãe foi significativa e influenciou a constituição de suas relações familiares no percurso de toda sua existência.

A partir da perda da sua genitora e da sua vinda para o Estado de Goiás pudemos observar a constituição da sua capacidade de se auto-perceber, de constituir-se, modificar-se como sujeito de sua própria história. Conforme suas verbalizações.

Completamento de frases:

A mãe: *Adorei.*

Minha infância: *Muitas frustrações.*

Minha adolescência: *Era muito frustrado.*

Conversação:

Pesquisadora: Como foi viver sem seus pais?

Lucas: *Não aprendi, porque fui criado pelos outros, e quem é criado pelos outros não é muito bom. Porque quando você é criado pelos pais sua vida é outra e quando é criado por tio é outra, você sempre é acusado de tudo. Então o meu sentimento era aquele de rejeição, então é a pior coisa que existe.*

Pesquisadora: Qual foi o sentimento quando o senhor se deu conta que estava sem pai e sem mãe na sua infância?

Lucas: *Naquela época eu era muito pequeno, tinha dez anos, eu senti como se tivesse desamparado, não tinha carinho de mãe nem de pai. Quando minha mãe morreu, eu era muito pequeno, mas ela me dava carinho, da maneira que ela podia. Depois, fui criado por tia. Em primeiro lugar os filhos dela, eu ficava como se fosse em terceiro lugar. Eu me sentia rejeitado. Esse foi o sentimento que eu tive.*

Pesquisadora: Esse sentimento de rejeição, quais foram os motivos?

Lucas: *Eu era filho único, então eu tinha todo carinho da minha mãe. Parece que ela dedicava a vida à mim, e de repente ela faleceu, fui procurar aquele carinho com as minhas tias e não achava. Então eu me sentia rejeitado.*

Pesquisadora: Essa rejeição o que trouxe para o senhor?

Lucas: *Uma grande timidez. Quando ia conversar com uma pessoa de nível mais elevado eu já me sentia tímido, tinha medo. Foi uma dificuldade grande.*

Verificamos como Lucas subjetivou a perda da sua mãe através da expressão dos sentimentos de estar só no mundo, rejeição, inibição, insegurança, frustrações e desamparo, influenciador e constituinte de sua subjetividade afetiva.

Pela significação que lhes foi atribuída desde o início dos diálogos, esses sentimentos nos levam a pensar que foram de suma importância na constituição da sua vida afetiva. Talvez um ponto central para a compreensão do sentido e desenvolvimento da sua sexualidade (desejo, emoções, sensações, afetos, objetivos, necessidades) suas realizações e frustrações. Conforme Peres (2005), as emoções e as necessidades relacionam-se dinamicamente, recursivamente, são geradas pelo sujeito na sua vida social e são elas que permitem constituir uma história peculiar do seu desenvolvimento. Conforme notamos em suas expressões.

Conversação:

Pesquisadora: Como é seu relacionamento afetivo com sua esposa?

Lucas: *Olha! Relacionamento afetivo! Sempre a gente culpa os outros, mas eu sempre procurei ser uma pessoa mais humilde, calmo... A coisa que eu mais gostaria de ter é uma harmonia total, mas não culpo só ela.*

*A gente viveu bem, em harmonia uns sete anos, daí pra cá começou descontrolar. Eu posso até me culpar nesse descontrole. Nessa época eu trabalhava muito, eu fazia cursos fora, não parava em casa. Mas mantinha tudo, a casa direitinho, mas ela alega que era a época que ela mais precisava de mim para dar carinho e eu não estava em casa, eu estava correndo, só que eu estava correndo atrás da vida, para a gente ter uma vida melhor. Mas ela não entendeu e eu não tinha outra solução.*

Pesquisadora: E hoje vocês procuram um ao outro?

Lucas: *É um pra cá e outro pra lá. Uma coisa que eu nunca procurei foi trair, eu sempre considerei ela um compromisso. Então hoje a gente faz o seguinte vivi assim..., mas, essa parte mais íntima parece que acabou, eu não sei o que tem, eu pelejo para descobrir o que houve, mas esta difícil. Nós não temos um*

*relacionamento normal, não tem aquele afeto, nos transformamos em amigo. Houve muitos problemas na nossa vida, muito diferente, não sei nem explicar.*

Um aspecto a se destacar, por meio das expressões de Lucas é a sua afirmação de que os conflitos no relacionamento conjugal foram iniciados, primeiramente por ele e que se sente culpado por isso. Assim, vinculou os sentidos e significados de uma parte da desarmonia do seu relacionamento à lógica capitalista, pois faz parte da subjetividade social do trabalho, no nosso país, os indivíduos terem uma sobrecarga para proporcionar o sustento e uma vida digna à família.

A configuração subjetiva do trabalho para Lucas foi muito significativa como espaço de inclusão social e envolvimento afetivo, pois era órfão e vivia sozinho na cidade. Além disso, proporcionou ganhos financeiros para a manutenção de suas necessidades, possibilitando-lhe afirmar-se como sujeito autônomo, produtor de sua própria história. Conforme seus depoimentos a seguir.

Conversação:

*Lucas: Vim para estudar, mas eu não tinha recurso. Eu tive que me virar sozinho. Primeiro arrumei para trabalhar na Legião Brasileira, em 1960. Eu morava lá mesmo num quarto. Eu trabalhava nos serviços gerais, serviço de rua, mas eu não era contratado, então tive de sair. Então eu pedi para me dar uma carta para mim trabalhar num hotel. Trabalhei um ano e não gostei. Depois desse hotel fiquei desempregado, a mulher montou um restaurante, fiquei ajudando mais sem ganhar.*

*Depois, a dona do hotel, conseguiu pra mim trabalhar na construção do Campus Universitário (UFG). Trabalhei uns seis meses. Depois eu vendo os aviões descendo, achei bonito aquilo e fiquei apaixonado para trabalhar com os aviões.*



*Em setembro fui na Agencia da Real (Varig hoje) e falei com o gerente e ele falou que tinha surgido uma vaga para serviços gerais. E pedi minhas contas na Universidade e fiquei muito satisfeito em trabalhar e terminei trabalhando trinta anos. Iniciei como auxiliar de serviços gerais, depois balconista, transferiram mais tarde para ser encarregado da sessão de carga.*

A experiência com o trabalho foi subjetivada positivamente por Lucas, pois proporcionou mudança e desenvolvimento benéfico na sua vida a partir das suas próprias ações. Sua trajetória profissional foi marcada por conquistas que foram possibilitadas por sua iniciativa, em busca constante de melhores condições de trabalho. Assim, possibilitou realizações de seus projetos de vida.

Entretanto, notamos que Lucas deposita a culpa dos conflitos do casal na sobrecarga do trabalho. Sua vivência conjugal é permeada por conflitos e insatisfações numa inter-relação de incompreensão, culpabilidade, e falta de afetividade, fazendo emergir novas configurações subjetivas. Como verificamos nos recortes dos diálogos.

Conversaão:

Lucas: *Eu nunca procurei traí-la, mas eu sinto que eu não dei o carinho que deveria ter dado, é o meu gênio, meu tipo, eu peço até perdão a Deus por causa desse problema. Eu nasci para lutar com a vida, enfrentar o mundo, isso aí é comigo.*

Pesquisadora: Quando o senhor fala dessa sua dificuldade, é a dificuldade afetiva que você tem com o outro?

Lucas: *Eu preocupei mais, com a lida de sustentar a casa, do que ser carinhoso. Eu tenho essa dificuldade. Assim como eu sinto da mulher, por isso que eu não culpo ela. Se ela transformou numa pessoa sem carinho, pode ter sido por minha causa.*

Pesquisadora: Devido a quê não conseguiu?

Lucas: *Não sei. Eu me sinto melhor só, do que casado. Eu me sinto responsável pela família em não faltar nada, do que eu ser carinhoso com a própria esposa. É um negócio muito estranho, mas eu não entendo. Eu me sinto bem estar só, lutando pela vida. O casamento parece que não era aquilo que eu estava esperando.*

Por meio de suas verbalizações, pudemos observar o aparecimento de outro sentido subjetivo, a anulação e o esquecimento de si próprio, talvez não aprendeu a receber e dar afetos, e ainda carrega para si o sentimento de culpa de não ter dado certo seu relacionamento conjugal. Observamos, ainda, a dificuldade e o constrangimento de Lucas diante dos conflitos existentes com sua esposa, e das suas frustrações da não atividade sexual entre o casal.

Completamento de frases:

Carinho de: *Gostaria dar muito.*

Conversaão:

Pesquisadora: Qual o sentimento de não ter uma vida afetiva satisfatória?

Lucas: *Parece que já acostumou. Ninguém reclama. Meu sentimento não é bom, porque de qualquer maneira está errado. Eu não sei. Não depende de mim e nem dela, espero que haja uma solução, que Deus perdoe essa parte, porque eu não sei por que, eu não tenho mais, não consigo.*

Pesquisadora: Como o senhor lidou com a sua sexualidade ao longo de sua vida?

Lucas: *Pode ter sido devido a uma operação que eu fiz de hérnia o médico falou que podia atingir e eu quase não sinto falta. Essa cirurgia de hérnia eu acho que prejudicou o desejo sexual, a rapidez. A verdade é que eu não sinto satisfazer. Sem satisfação só trás problema.*

Pesquisadora: O senhor não sente satisfação em uma relação sexual?

Lucas: *Satisfazê-la? Quando eu faço a relação, mas devido ser muito rápido, não satisfaz. Então acho que isso me trouxe um trauma, e ela me reclamou algumas vezes e eu me sinto traumatizado e foi o ponto central.*

Pesquisadora: A partir da reclamação dela, o senhor se fechou?

Lucas: *Tranquei. A pessoa começa a reclamar de uma coisa que não depende da gente, então você se tranca. Entreguei a ela se quisesse separar. A gente dorme em quarto separado.*

Pesquisadora: O senhor sofreu com isso?

Lucas: *Sofri demais. Até eu não posso nem encarar que não deu certo, eu encaro a vida de outra maneira, outras coisas com trabalho, objetivos. Isso fez com que eu me dedicasse a outras coisas. A vida, mais fé em Deus.*

Diante de suas expressões verificamos que constitui frustrações da sua não satisfação sexual e da sua mulher e também a abstinência das relações sexuais entre o casal.

Essas frustrações levaram Lucas a subjetivar que a causa foi uma cirurgia de hérnia. Mas, talvez, Lucas busque os problemas de saúde como alternativa para justificar o seu desempenho sexual como um processo natural. Lucas não procurou nenhuma ajuda baseada no conhecimento da medicina, da psicologia ou áreas afins para amenizar ou solucionar os seus problemas, o que o leva a naturalizar a dificuldade como doença, evitando, assim, o enfrentamento de um tratamento que não aparece explicitamente em nenhum momento do diálogo.

Também observamos que desistiu de tentar uma interação maior com sua mulher, devido sua constante preocupação com a vida. Talvez para Lucas, a essência da vida é subjetivada somente na intensa e árdua luta no trabalho para sua sobrevivência e dos seus familiares. Não conseguiu sair de si mesmo, não deixou

espaço para o carinho, aconchego, a vivência a dois, não conseguiu ir além das necessidades básicas do ser humano.

Outro indicador do sentido subjetivo gerado da relação conjugal é o fato de ter canalizado sua energia para outras atividades, dedicando-se a projetos humanitários e à religião.

Outro aspecto conflitivo, perturbador e desgastante que, sem dúvida, representa uma configuração subjetiva de seus conflitos conjugais, foi a infidelidade por parte de sua mulher, e as dificuldades advindas das doenças e compras compulsivas dela, concretizando em sérios problemas de relacionamento afetivo e financeiro do casal. Conforme observamos nos recortes dos diálogos.

Conversação:

Pesquisadora: O que é esse envolvimento com outras pessoas?

Lucas: *Teve outros namorados, quando eu viajei; eu trabalhava numa firma que viajava para o Norte e passei quase um mês fora e quando eu cheguei ela me falou que já tinha uma outra pessoa. Ela arrumou um namorado. Eu peguei e saí de casa, passei um ano fora, depois quando ela adoeceu e eles me ligaram que ela estava muito mal no hospital, operou do coração, os meninos pediram que eu voltasse para casa, porque eles eram pequenos e aí eu voltei. Ela sempre esteve doente, veio o câncer e daí para cá ela só está doente.*

Pesquisadora: O senhor acha que essa compra compulsiva foi após a cirurgia?

Lucas: *Foi após, porque ela não tinha esses pensamentos de ficar comprando coisas. Ela compra as coisas sem saber o que fazer. Vê no jornal e compra.*

Diante do exposto percebemos que Lucas buscou novas formas de lidar com os problemas advindos dos seus conflitos conjugais. Sente-se impotente diante deles. Assim, procurou suporte na religião, para alcançar equilíbrio, segurança, esperança,

fé e entendimento. Talvez seja para ele o único e eficaz recurso utilizado nesse momento, para fortalecê-lo, superar os conflitos existentes na sua vida. Conforme seus relatos.

Completamento de Frases:

Sinto que estou: *Evoluindo espiritualmente.*

Doença é: *Advertência Divina.*

Conversação:

Lucas: *Eu tenho a minha religião, é aquela Perfeita Liberdade. Tem objetivo concreto de ajudar em tudo que for preciso. O que eu sinto que ela tem a mais até o momento, é que temos a consulta Divina. O nosso patriarca ele é uma pessoa que não se preocupa com nada, só mesmo com Deus, ele é simples, ele contata com Deus, então se você tem um problema financeiro, ou doença, então você manda o recado, mas só o mestre sabe.*

*Chegando lá ele contata e vem a resposta. Você está sofrendo aquilo porque tem um risco espiritual, é uma maneira de eliminar os riscos que prejudicam a nossa vida. Com essa consulta Divina você fica uma pessoa dócil, quando vem o problema na tua vida, você sente e entrega a Deus. É por meio desses problemas que vai purificar. Tudo para nós é obra Divina.*

Observamos em Lucas um processo de produção de sentido religioso muito confuso e ingênuo e de pouco raciocínio lógico, em que mistura a fantasia e religiosidade, talvez incompatível com sua visão de vida e de mundo. Talvez seja a expressão de seu estado psicológico atual, cujo sentido subjetivo é impossível ser definido a partir das informações que temos nesse momento.

Também percebemos que devido ter sido criado sem seus pais e conhecedor da necessidade de proteção, orientação e afeto na infância, gerou um sentido

humanitário da vida. Manifestou o desejo de construir um orfanato para abrigar pessoas necessitadas. Conforme seus depoimentos.

Completamento de frases:

Meus sonhos: *Montar um orfanato para ser mais útil.*

Conversação:

Pesquisadora: Quais são os objetivos do senhor?

Lucas: *De construir um orfanato para ser mais útil à humanidade, pegar as pessoas de rua, crianças, velhos e ter umas trezentas pessoas para cuidar delas, educá-las e sair de lá todos profissionais. Só Deus entende esse meu objetivo.*

Regressando a configuração subjetiva da afetividade e sexualidade de Lucas, notamos que a sua subjetividade individual é permeada pela naturalização da perda e declínio do desejo sexual do idoso. Conforme suas verbalizações.

Conversação:

Pesquisadora: Você tem necessidade da vida sexual ativa?

Lucas: *Não sinto muito falta. Já estamos mais de idade, quando era mais novo sim, mas agora não sinto.*

Pesquisadora: O senhor acha com a idade vai diminuindo o desejo sexual?

Lucas: *Eu acho que sim. Eu acho que da maneira que o organismo vai... creio que vai diminuindo muito.*

Diante das suas verbalizações constatamos que Lucas subjetivou que os idosos passam naturalmente por diminuição do desejo sexual. Portanto, essa idéia de naturalização do idoso característica de suas subjetivações, de seus sentimentos e vivências advindos de sua história de vida afetiva e do seu problema conjugal, também está permeada da percepção da subjetividade social do idoso. Essa visão é

confirmada nas palavras de Lopes (1993) sobre a idade que não dessexualiza o indivíduo, mas sim a sociedade.

Para exemplificar como a subjetividade social interfere na constituição da sexualidade do indivíduo, Vieira (1996) afirma que a sexualidade é também um fator social, à medida que é regulada pela sociedade através de leis, tabus e pressões familiares que tentam persuadir o indivíduo obedecer determinadas normas de comportamento sexual.

A partir da análise construtiva – interpretativa sobre Lucas foi possível construir os principais indicadores do sentido subjetivo de sua sexualidade:

a) Lucas subjetivou a perda da sua genitora, como sentimentos de estar só no mundo, rejeição, inibição, insegurança, frustrações e desamparo, o que, talvez, seja um ponto central para a compreensão do sentido e desenvolvimento da sua sexualidade;

b) Lucas demonstrou dificuldade de lidar, construir e reconstruir seus afetos tanto familiares como conjugal. A manifestação de seus sentimentos afetivos está relacionada à sua vivência e subjetivação dos momentos afetivos ocorridos durante sua vida. Talvez como não conseguiu desenvolver satisfatoriamente afetos durante sua vida, gerou sentimentos de rejeição, medo, fracasso, frustração que concretizaram-se em constantes conflitos conjugais;

c) Notamos que a configuração subjetiva da sexualidade de Lucas é permeada pela naturalização da perda e declínio do desejo sexual do idoso.

#### **Quarto sujeito participante: Maria Tereza**

Os momentos de interação do sujeito participante com a pesquisadora realizaram-se em três encontros, com duração de duas horas cada um.

Maria Tereza tem sessenta e seis anos, divorciada, do lar, cursou somente o primário, pois sempre residiu na zona rural, tinha quatorze irmãos, vem de uma família estruturada em termos de união entre seus pais.

Casou-se somente uma vez aos dezenove anos, o marido aos vinte e nove anos, também seu primeiro matrimônio. Seu casamento durou quarenta e um anos, teve duas filhas e um filho, todos casados. Atualmente reside com a filha mais velha, o marido e uma neta de três anos.

Durante todos os diálogos, por meio de suas expressões, observamos sua capacidade em desenvolver-se nas diferentes e adversas situações. Assim, percebemos que esse aspecto foi um fator influenciador para tornar-se sujeito de sua história, desenvolvendo sua singularidade na inter-relação com o social.

A personalidade, para González Rey (2005b), é uma organização dialética que não existe como uma realidade acabada, mas sim como um processo permanente de desenvolvimento no qual estão implicados seus diferentes sistemas constitutivos atuais. Para o autor, a personalidade é uma categoria que dá conta da organização de múltiplos processos que se desenvolvem e se articulam na subjetividade individual.

Segundo González Rey (2003a), a condição de sujeito individual se define somente no tecido social em que o homem vive, no qual os processos de subjetividade individual são momentos da subjetividade social, se constituem de forma recíproca, sem que um se dissolva no outro, têm de ser compreendidos em sua dimensão processual.



Por meio dos relatos de Maria Tereza procuramos compreender a complexa trama dos seus sentidos subjetivos, de sua sexualidade, conseqüentemente o sistema de comunicação na família, o grau de intimidade gerado entre os membros. Conforme Peres (2005), a comunicação possibilita a cada membro expressar suas emoções na relação, e à família desenvolve um estilo peculiar de compartilhar as subjetividades aí constituídas.

Constatamos, primeiramente, que o relacionamento de Maria Tereza com seu ex-marido foi constituído por meio de muita desarmonia, desafetos, falta de diálogo, dissabores, traição por parte dele e dificuldades financeiras, o que consideramos ser de suma importância para o entendimento da constituição de sua sexualidade e suas implicações.

Os processos subjetivos da sua sexualidade não se desenvolveram subitamente, mas são processos iniciados desde seu nascimento, são e serão marcados por mudanças contínuas, a cada dia, até o findar de sua existência. Como notamos em suas verbalizações.

Completamento de frases:

Fracassei diante: *No casamento.*

Meu casamento: *Um tanto chato.*

Conversação:

Pesquisadora: Você casou com quantos anos?

Maria Tereza: *Eu casei com dezenove anos e não foi com muito querer não, quer dizer eu queria casar, mas não era bem com a pessoa que eu casei. Ele mentiu muito, disse que ia morar na cidade, casa boa, móveis chiques e eu ia passear muito, como eu tinha vontade. Era só mentira, não saiu nada como eu queria... Porque eu queria morar na cidade e meu pai era fazendeiro e não gostava desse tipo de coisa.*

*Eu gostava de passear, andar bem arrumada e ele me prometia tudo isso e não fez nada.*

Pesquisadora: Você procurou ser carinhosa?

Maria Tereza: *Nunca fui muito carinhosa, não sei se é a maneira da gente ter sido criado, ou se é porque casei sem gostar, eu gostava, mas não era paixão, não tinha afinidade, então eu acho que atrapalhou.*

Pesquisadora: Quantos anos vocês ficaram casados?

Maria Tereza: *Fiquei casada quarenta e um anos. Não foi muito bom. A gente não vivia bem. A natureza dele é bem diferente da minha, muito machão, ele queria que eu ficasse igual a ele e não conseguiu, porque eu também sou uma mulher machona. A gente nunca deu certo e a minha vontade era só de separar. Não deu mais, separamos.*

Verificamos, nesse trecho, que Maria Tereza subjetivou o casamento como forma de realização de desejos pessoais, de ter mais conforto e melhor condição de vida, diferente de quando vivia com seus pais.

A não expressão, em nenhum dos diálogos, do seu amor e afeto pelo marido, condição *sine qua non* de afetividade e de vivência prazerosa a dois, também pode ser parte do sentido subjetivo do casamento, gerado por ela.

As experiências com o marido, permeadas de pressão e medo, talvez constituam mais um indicador da não realização de vida conjugal satisfatória.

Completamento de frases:

Como odeio: *Gente falsa e mentirosa.*

Conversação:

Pesquisadora: Como foi seu relacionamento com seu ex-marido?

Maria Tereza: *Ele é uma pessoa má. Vingativo e um tanto falso. Ele gosta muito de tapear, de levar os outros na conversa... Ele me esnobava dizia que eu só servia para cuidar das meninas, ele ficava comigo porque eu estava cuidando das filhas dele... Tinha dias que eu ficava com muita raiva, falava: Eu vou embora, vou sumir daqui, te largo. Ele falava: me larga que eu te mato e tomo suas meninas. Eu sabia que ele matava, porque ele não era nenhum santo. Ficava com medo e fui ficando, ficando.*

Pesquisadora: Você foi agüentando esse casamento pela pressão e medo?

Maria Tereza: *Pela pressão e eu tinha medo dele... Um dia minha mãe falou: Você casou agora agüenta. Agente foi criada assim, casou não pode separar, então eu tive que agüentar. Um dia eu fui reclamar para o meu pai e ele falou se você não agüentar, pode ir lá para casa o prato de feijão que você comeu está lá, mas na verdade acreditava que eu estava exagerando muito, porque ele era muito trabalhador. Foi muito difícil.*

Observamos que Maria Tereza diante das constantes desqualificações da sua pessoa por parte do ex-marido, subjetivou por alguns anos o casamento como uma situação obrigatória, considerado como indissolúvel, o que estava muito entrelaçado com a subjetividade social da época.

A capacidade de análise do casamento, por Maria Tereza, desenvolvida em seu relato, é mais um indicador das dificuldades encontradas por ela em um relacionamento constituído sem afetividade e diálogo.

Conversação:

Pesquisadora: Como foi diante dessas dificuldades o seu relacionamento afetivo ao longo desses anos com o seu ex-marido?

Maria Tereza: *Eu pensava que era obrigada, eu fazia as coisas (relação sexual) por obrigação, não sentia bem. No começo a gente até gosta e depois vai perdendo até o interesse de fazer aquilo (relação sexual) e faz só por obrigação. A gente vai ficando doente, eu fiquei estressada muitos anos...Minhas doenças era mágoa, desgosto e contrariedade...Eu fui inventando coisas, estórias, imaginações para quando melhorar a situação eu ir embora.*

Pesquisadora: Para agüentar esse sofrimento você inventou essas estórias, fantasiou a sua vida e quais foram essas estórias que sustentaram você?

Maria Tereza: *Eu imaginava que era um rapaz bonito, inteligente, educado, que estava com ele, inventei até um nome, vivia numa casa bonita e eu passeava muito.*

Pudemos observar nesse trecho de conversação, um intenso indicador de sentido subjetivo de seus sentimentos pelo ex-marido, como: mágoa, medo, ansiedade, precisando fantasiar, inventar estórias para suportar a realidade dos seus conflitos interno e conjugal. Mas, no entanto, assumiu por muitos anos essa realidade conflituosa, sem negar-se a si própria e sem fixar-se no seu sofrimento, conseguindo a partir das suas imaginações se desenvolver, mesmo diante de situações adversas.

Por meio das expressões da Maria Tereza pudemos compreender que não constituiu um sentido de afetividade pelo marido. Como pudemos constatar nas suas expressões.

Conversação:

Pesquisadora: Qual foi o motivo dessa separação? Foi você que decidiu ou foi ele?

Maria Tereza: *Ele é muito mulherengo, foi arrumando mulherada, enrolou com as empregadas da fazenda, levava as mulheres lá para casa, quanto mais eu falava para ele que eu não queria aquilo, ele negava. Arrumou um filho com a empregada,*

*ele dizia que não sabia quem era o pai do menino, dormia com ela a semana inteira. O dia que eu descobri me deu uma mágoa tão grande, mas eu estava esperando só descobrir. Eu dei um grito e não encostei nele mais, agora é você para lá e eu para cá e não vou ficar aqui mais. Ele virou um bicho... Então eu penso assim: Para quê eu vou ficar tolerando, se meus meninos já cresceram, já casaram. Eu decidi sair, enfrentei todo mundo. Um dia eu chamei o padre lá em casa, perguntei e ele disse que a Igreja não ia me condenar por isso não. Você vai lá no civil, reparte os bens, vai cuidar da sua vida, seus filhos estão todos casados, você tem que ter a sua vida, você não é obrigada a viver desse jeito não. Foi uma ajuda muito boa. Enfrentei tudo.*

Verificamos no diálogo acima, de que o sentimento de Maria Tereza, diante da postura de seu ex-marido, se converteu em um processo alimentador de coragem para tomada de decisão de separação, um desejo constituído desde início do seu casamento, mostrando que foi capaz de agir para transformar sua vida.

Entretanto, para tomar a decisão de separar-se do marido, também buscou consentimento na religião, para ser absolvida perante as leis de Deus. O sentido subjetivo religioso, para ela, no caso de separação do casal, era de punição e condenação, fazendo parte da subjetividade social da época.

Para González Rey (2002), a subjetividade é parte constitutiva do ser humano e das diversas formas de organização social, não sendo um produto da cultura, mas sim, constitutiva da cultura.

O sentido subjetivo da religião ajudou Maria Tereza a desenvolver-se como sujeito, estimulando-a a adotar atitude de enfrentamento e não de passividade diante dos acontecimentos desencadeadores de sofrimento, humilhação e desqualificação de sua pessoa.

Conforme Vygotsky (1984/2002), todo sujeito é um ser de possibilidades, que cria e recria sua história, como processo em movimento e mudança.

Observamos como Maria Tereza menciona em suas expressões, carregadas de emoções, quais foram seus sentimentos quando separou-se de seu cônjuge.

Completamento de frases:

Sinto que estou: *Mais aliviada.*

Conversação:

Pesquisadora: Qual foi o sentimento ter conseguido separar?

Maria Tereza: *Senti uma vitória, aliviada. Quando separei me senti aliviada, no dia eu pequei as minhas coisas, até vim de ônibus.*

No trecho acima, Maria Tereza não oculta seu sentimento de alívio, conseqüentemente gerador de outros importantes sentidos subjetivos, pois alterou a forma de auto-perceber-se, de sentir-se. Assim, alterou a configuração de atuar, que a possibilitou realizar parte de seus desejos, em um movimento que advém quando o sentido do sujeito é transformado por ele, de forma que busque novas possibilidades. Deste modo, Maria Tereza foi conquistando o direito de fazer escolhas e se responsabilizando pelas conseqüências da condição de tornar-se sujeito.

Diante de sua separação, Maria Tereza modificou a representação de si mesma, transformou-se em sujeito atuante, buscando obter seu próprio espaço social, uma importante fonte do sentido de reconstruir sua vida. Conforme notamos nas suas expressões.

Conversação:

Pesquisadora: Mas mesmo assim você consegue manter-se positiva no sentido de enfrentar toda essas situações?

Maria Tereza: *Eu tenho muita coragem. Eu vou vencer. Comprar minha casa... arrumar a minha casa do jeito que eu quero, eu tenho esse direito.*

Pesquisadora: Qual é esse direito que você refere?

Maria Tereza: *Receber visita, aqui é meio sem jeito. Trás um certo desconforto. Eu tenho umas amigas que eu tenho vontade de trazer na minha casa, eu não convido para não ficar enchendo a paciência dos outros e não escutar certas coisas que eu já escutei.*

Diante do exposto percebemos que Maria Tereza subjetivou o desejo de ter seu próprio espaço para conquistar sua autonomia. Percebe-se que a forma de lidar com suas conquistas está carregada de sentimento de ressentimento, pois sua independência foi constantemente negada por muitos anos pelo seu ex-marido, consequentemente ocasionou perdas afetivas entre os dois.

Entretanto, o sentimento de ressentimento foi gerador de novos sentidos subjetivos como do anseio de reconstruir-se, ser dona de si mesmo, de estabelecer suas próprias relações interpessoais, de usufruir do direito à liberdade, possibilitadora de novas opções para sua vida.

Nas suas construções e reflexões sobre o desejo de reconstruir sua vida, um novo sentido surgiu, o desejo de estudar. Esse sentido é considerado referência de desenvolvimento e capacidade para ressignificação de sua vida.

Conversação:

Pesquisadora: E hoje como está a sua vida?

Maria Tereza: *Melhorou, aos poucos. Eu vim para cá muito magoada, sentida, achando ruim demais, eu não queria ter desperdiçado a minha juventude, mas eu vou sempre à Igreja. Entrei na Unati, me ajudou muito. Hoje estou bem mais*

*aliviada. Só está faltando comprar a minha casa. Morar com filho é bom, mas depois que casa, muda, não é a mesma coisa.*

Pesquisadora: O que acha da Unati? Ela é uma facilitadora no sentido de você enxergar coisas diferentes, modificou algum aspecto da sua vida?

*Maria Tereza: Aquilo ali foi uma coisa muito boa, a minha filha que arrumou, mas eu não queria ficar fechada em lugar nenhum, queria só sair andando. Fui fazer minha matrícula em janeiro, não tinha mais vaga e fiz em agosto. O primeiro semestre para mim não foi bom, os outros foram melhorando. Agora eu me sinto bem. Quando eu chego lá, me sinto aliviada. Lá eu me sinto mais gente, porque ali ninguém me humilha, aprendo muita coisa, divirto.*

Maria Tereza, através de suas verbalizações acima, expressa como a Unati (Universidade Aberta à Terceira Idade) tornou-se um espaço social representativo e significativo para ela, pois sente-se respeitada e valorizada, elementos centrais no reconhecimento social. Ao mesmo tempo é congruente com a sua história de vida, devido sua luta na conquista de seus direitos na divisão do patrimônio com o ex-marido, o que representa um importante aspecto de sua personalidade num entrelaçamento com sua subjetividade individual e juntamente com a percepção da subjetividade social do momento vivido por ela.

Conforme as concepções Vygotskianas, o sujeito ao atuar no mundo social transforma-o e ao mesmo tempo sua subjetividade individual.

Para González Rey (2002), a subjetividade é um sistema processual, que permite ao homem ser capaz de gerar permanentemente processos culturais que modificam seu modo de vida.



Retomando à questão da configuração subjetiva da sexualidade de Maria Tereza, verificamos como ela percebe e define sua conduta quanto sua sexualidade e também expressa suas opiniões sobre o assunto na terceira idade.

Conversação:

Pesquisadora: Como percebe as pessoas refazendo a vida afetiva? Você tem vontade de refazer a sua?

Maria Tereza: *Cada pessoa tem uma natureza. Se ele quer ou ela quer, tudo bem. Agora eu não quero, para mim não serve...Não tem mais necessidade... Eu não sinto mais falta de ninguém ao meu lado. Está muito bom assim, me sinto livre.*

Pesquisadora: Qual era sua idéia de sexualidade quando jovem?

Maria Tereza: *Tudo era pecado, não podia nem mexer. Tudo que ia fazer era pecado, não podia dançar, beijar, encostar na pessoa, namorar era um de lá e outro de cá.*

Pesquisadora: Como você percebe a sexualidade e o sexo na terceira idade?

Maria Tereza: *Eu acho assim, quem quer, bem; quem não quer é outro caso. Eu acho que a pessoa tem que fazer aquilo que gosta.*

Pesquisadora: Você acha que o casal deve ter afetividade e relacionamento íntimo na terceira idade?

Maria Tereza: *Eu acho. Se a pessoa vive bem, é muito bom.*

Pesquisadora: Como você percebe as pessoas na terceira idade procurando novos parceiros?

Maria Tereza: *Eu acho que certamente está sentindo falta de alguém. Eu conheço muita gente que já bem velho, juntam ou casam de novo, certamente para ele está bom.*

Maria Tereza demonstrou, através de suas expressões, que na juventude sua idéia de sexualidade era permeada de pecado e proibição. Porém, esta concepção fazia parte da subjetividade social da época. A moral sexual tradicional, conforme Butler e Lewis (1985), estava baseada na ignorância, medo, sentimento de culpa, pecado e vergonha.

Nos seus relatos, Maria Tereza se posicionou explicitamente que não quer refazer sua vida afetiva, mas tem consciência que a sexualidade e a afetividade são uma expressão normal e importante em qualquer idade e valoriza e respeita quem as pratica.

Diante de todo o exposto, percebemos a existência de constantes conflitos sexuais e afetivos vivenciados por Maria Tereza desde o início de sua vida conjugal. Esses fatores foram significativos e constitutivos da configuração subjetiva de sua sexualidade.

É de vital importância compreender a constituição da sexualidade do sujeito não na sua dimensão imediata, porque sua natureza é mediata e complexa. A sexualidade é um fenômeno multidimensional, existem interconexões múltiplas, os aspectos físicos, psicológicos e sociais são interdependentes.

A partir da análise construtiva – interpretativa sobre Maria Tereza foi possível construir os principais indicadores do sentido subjetivo de sua sexualidade:

- a) O relacionamento com seu ex-marido, constituído através de muita desarmonia, desafetos, falta de diálogo, dissabores, traição por parte dele e dificuldades financeiras;
- b) Casamento voltado para a realização dos desejos pessoais;
- c) A não expressão, em nenhum dos diálogos, do seu amor e afeto pelo marido;

d) As experiências com o ex-marido, indicadoras da não realização de vida conjugal satisfatória;

e) O posicionamento explícito de não querer refazer sua vida conjugal, mas com a consciência de que a sexualidade e a afetividade são uma expressão normal e importante em qualquer idade.

Vimos, assim, o quanto a complexidade da constituição do sentido subjetivo da sexualidade deve ser levada em conta e compreendida em cada sujeito participante.

A sexualidade na terceira idade nos coloca diante do reconhecimento da complexidade da natureza do objeto em estudo: singular, processual, dinâmico, dialético, recursivo e contraditório.

Para Morin (2002), “a vida vive de contradições” (p. 241). Para compreendê-la, somos obrigados a justapor de maneira dialógica conceitos contraditórios, o que nos permite ver e conceber a complexidade do real, o qual nos obriga a um pensamento comportando o uso de contradições e o reconhecimento de incertezas.

Podemos considerar os sentidos subjetivos da sexualidade na terceira idade, um fenômeno complexo, pois não há respostas diretas ou leis simples que possam falar deles, porque o complexo implica incertezas, ordem e desordem. Segundo Morin (1996) “é nessa dialógica de ordem e desordem que se produz todas as organizações existentes no universo” (p. 277).

Ainda, para o mesmo autor (2002), “a vida é uma organização enantiomorfa (enantiosis, oposição, contrariedade), isto é, inclui na sua unidade complexa o que, ao mesmo tempo, ameaça e mantém essa unidade” (p. 240), demonstra que a lógica habitual não permite conhecer os fenômenos subjetivos sem considerar o homem um ser biopsicossocial.

A sexualidade e a vida não são simples, unívocas, e no estudo da sexualidade na terceira idade coloca-se presente o paradigma da complexidade, com o qual é possível compreender o processo dinâmico, indeterminado, não linear, com a noção de sujeito constituído e constituinte do social, considerando a multiplicidade dos aspectos que transversalizam a constituição da sexualidade do idoso.

A sexualidade como processo histórico e singular indica que não há um modelo ideal cristalizado a ser seguido, mas há uma constante mudança qualitativa e dialética proveniente dos processos subjetivos complexos constituídos ao longo da vida de cada um. Para isso exige, conforme Morin (2002), que pensemos de maneira radicalmente complexa.

Para o autor acima (2002) é necessário um pensamento que saiba tratar, interrogar, eliminar, salvaguardar as contradições. Portanto, cada uma das contradições que surgem na caminhada do conhecimento do sentido subjetivo da sexualidade na terceira idade, deve ser estudada na sua singularidade e na sua problemática própria.

Como a sexualidade para cada sujeito participante é uma produção subjetiva destacamos suas historicidades e suas singularidades, em um processo não linear, porém de idas e vindas, de integração do contraditório, de novas interpretações e de focos diversos, sinalizando as possibilidades de desenvolvimento de cada um em um processo contínuo de confrontação, modificação e crescimento. Assim, a subjetividade e a complexidade da sexualidade na terceira idade, aparecem articuladas possibilitando visualizar seu caráter complexo.

Vimos, através da análise construtiva - interpretativa que, em cada história, de cada sujeito participante, a complexidade está presente da seguinte forma:

Na história de Zica, essa complexidade é percebida como multidimensional, composta por fatores físicos, biológicos, psicológico e social. Na sua história, todos estes aspectos estão permanentemente interligados e relacionados entre si, e os consideramos geradores de sentidos da constituição, desenvolvimento e percepção de sua sexualidade, em um processo contraditório e singular.

Ao estudar a história de Zica, na sua singularidade, compreendemos que ela não mudou sua idéia de sexualidade ao longo de sua existência. O sentido subjetivo que gerou desde o início de sua vida conjugal foi uma sexualidade voltada para fins de procriação, não vinculou a idéia de sexualidade ao prazer sexual, talvez essa percepção foi muito influenciada pela subjetividade social da época, em uma relação de recursividade entre o social e individual.

Entretanto, Zica gerou sentidos novos da sua sociabilidade quando ingressou na UNATI- UCG (Universidade Aberta à Terceira Idade), assim, buscou novas formas de perceber-se, de ser ativa, voltando seu olhar para nova direção, para a possibilidade de realizações de ideais não esquecidos ao longo dos anos.

Consideramos sua sexualidade e seus sentidos subjetivos um objeto complexo, porque produziu ações, interações e retroações ao longo de sua vida.

No caso de Jô, seu desenvolvimento sexual pode ser compreendido como processo dialético e complexo devido às mudanças e transformações qualitativas e revoluções na estrutura do seu próprio pensamento.

Sua concepção de sexualidade mudou ao longo de sua vida. Ela gerou sentidos novos da sexualidade (pois produziu mudanças no seu desenvolvimento quanto à sua sexualidade) concretizados por meio dos seus três casamentos em que a sexualidade é prazerosa, saudável e gratificante. A idéia de sexualidade que tinha no início de sua

vida conjugal era outra. Seu modo de pensar, agir, sentir e perceber seus sentimentos eram diferentes da própria idéia que tem hoje de sua sexualidade.

Na história de Lucas percebemos a existência da complexidade como processo singular e histórico, pois não conseguiu ou não se permitiu desenvolver sua sexualidade. Manteve sua concepção de declínio do desejo sexual na terceira idade, voltando-se para a necessidade de manutenção da família. Assim, o trabalho passou a ser seu foco central, esquecendo-se de sua vida sexual e afetiva. Buscou gerar sentidos somente em relação à religião e, conseqüentemente, da sua atividade humanitária.

A falta do apoio afetivo desde a infância é um elemento importante nesta sua trajetória. A falta dos pais dificultou expressar-se afetivamente, demonstrando que para compreendermos a sua história e os seus sentidos, é fundamental considerá-lo como um todo, (um ser biopsicossocial, único e complexo) gerador de sentido subjetivo, dinâmico e singular.

A história de Maria Tereza mostra a complexidade quando percebemos sua capacidade de desenvolver-se nas diferentes e adversas situações desencadeadas por múltiplos fatores provenientes dos seus conflitos conjugais, em um processo recursivo e contraditório. Maria Tereza conseguiu desenvolver-se e tornar-se sujeito de sua própria história, defendendo sua autonomia e seus espaços sociais antes as pressões e desqualificações de sua pessoa pelo seu ex-marido.

Consideramos que sua sexualidade foi constituída levando em conta tanto a sua história afetiva, como os contextos social e cultural em que se desenvolveu.

## Considerações Finais

O objetivo deste trabalho concentrou-se, fundamentalmente, na compreensão e explicação do sentido subjetivo da sexualidade na terceira idade, na perspectiva histórico-cultural. Ao assumirmos essa perspectiva reconhecemos a dialética complexa do objeto de estudo constituído intrinsecamente por relações sociais, culturais e históricas.

A explicação do fenômeno subjetivo da sexualidade de cada idoso incluiu seus processos de desenvolvimento social e humano no resgate de suas origens e de suas historicidades, como processos contínuos de transformação qualitativa, em constante reconhecimento e valorização de suas experiências individuais e subjetivas.

É de suma importância compreender que somos constituídos de um sistema complexo subjetivo. A complexidade do sistema subjetivo de cada ser humano permite que cada um vivencie sua sexualidade como experiência única e singular. Nada é mais singular que o modo de vivenciar e entender a própria sexualidade. Para González Rey (2002), o sistema subjetivo é aberto, abrangente, irregular, que influencia as diversas experiências humanas.

Segundo Bock e Gonçalves (2005), quando falamos de nossas emoções, afetos, pensamentos, projetos, valores e julgamentos, estamos falando de um mundo singular, de um mundo de registros a partir de vivências, do mundo psicológico de cada sujeito. Portanto, estamos falando de subjetividade.

O sentido subjetivo da sexualidade na terceira idade é um tema complexo, que envolve valores humanos, filosóficos, sociais e religiosos, e é constituído simultaneamente pela subjetividade individual e social, em uma visão que permite

enxergar, de maneira distinta, profunda, recursiva, contraditória e multidimensional o caráter de sua constituição.

Deste modo, ao longo do trabalho foi possível construir indicadores que revelaram a diferença dos sentidos subjetivos de cada sujeito participante quanto a sua sexualidade, respeitando-se a história individual, idiossincrática de cada um.

Para González Rey (2003a), no processo de construção e interpretação dos sentidos que se manifestam associados à sexualidade nos sujeitos concretos, aparecem inúmeros elementos implicados com a organização da subjetividade social, que seriam praticamente irreconhecíveis por outras vias. Esses elementos aparecem marcados em expressões da sexualidade e não são visíveis nem para os próprios sujeitos que os apresentam.

Isto explica como cada sujeito participante é um universo diferente, único e singular e como cada um relaciona e subjetiva seus afetos. Assim, foi possível entendermos como cada sujeito participante subjetivou a sua sexualidade ao longo de sua história, que a vida e a sexualidade são processos dialéticos, complexos e contínuos.

Nessa perspectiva, associamos a sexualidade a outros fatores, dentre eles à longevidade, conseqüentemente, pensamos em melhoria da qualidade de vida que é o grande paradigma emergente no momento.

Os sujeitos participantes falaram da constituição de sua sexualidade sem demonstrar constrangimento, ou seja, vêm e lidam com a sexualidade com muita naturalidade. Mas a sociedade persiste em acreditar no mito de que todo idoso é assexuado. O mito é alimentado pela desinformação e pela má interpretação das inevitáveis mudanças fisiológicas que ocorrem nos indivíduos de mais idade.



Também devido à repressão sofrida pelo ser humano ao longo dos séculos sobre a sexualidade, a sociedade continua com dificuldade em lidar com essa questão, pois, com a falta de conhecimento específico sobre o tema, foram gerados muitos preconceitos, mitos, tabus e atitudes negativas.

Segundo Risman (2005), a falta de informação sobre o processo de envelhecimento, assim como das mudanças na sexualidade, em diferentes faixas etárias e especialmente na velhice, têm auxiliado a manutenção de preconceitos e, conseqüentemente, trouxeram muitas estagnações das atividades sexuais das pessoas com mais idade.

Ainda, conforme o autor (2005), mesmo ocorrendo mudanças nas áreas sociais, política e médica, os preconceitos em relação à atividade sexual precisam ser discutidos e analisados, visando uma melhor explicação e orientação das verdadeiras mudanças existentes no comportamento sexual do idoso, para que este grupo possa não se sentir culpado pelos seus desejos sexuais, independentemente da forma de sua manifestação.

Uma das nossas preocupações nesse trabalho consistiu em elucidar para a sociedade contemporânea que o idoso não é assexuado e que devemos, conforme Libman (1989), demonstrar e permitir que o idoso manifeste sua sexualidade sem culpa, sem considerar que esta atitude ou sentimento seja percebido como anormal.

Reconhecemos que ainda existe muito a pesquisar, pois o objeto de estudo é complexo e a subjetividade é fator determinante para seu conhecimento. Conforme Baggio (1990), a sexualidade se manifesta através dos múltiplos estados afetivos, estando sujeita em grau muito mais elevado que outras atividades humanas a influências culturais.

Também consideramos que cabem aos estudiosos do envelhecimento pesquisar e refletir mais, pois a novidade do século XXI é o envelhecimento humano. Com isso cabe aos pesquisadores pensar e repensar nosso próprio envelhecimento e a nossa sexualidade.

Como se vê, muito se tem, ainda, a constatar e a reformular sobre os atuais conceitos de velhice e de sexualidade. Convém que os estudiosos, mais do que os sujeitos participantes, quebrem seus próprios tabus e idéias estereotipadas, construídas ao longo do tempo, para que a complexidade que envolve a sexualidade do idoso na sociedade contemporânea seja compreendida.

Ainda é nosso desejo que este estudo venha contribuir para motivar debates, levantar questões, propor idéias e discussões para que possibilite novas pesquisas e aprofundamento dos conhecimentos na compreensão dos processos subjetivos formadores da sexualidade do idoso.

Pretendeu-se também, com este trabalho, contribuir para os programas de educação não somente dos idosos como também dos jovens para vivenciar a sexualidade no envelhecimento. Estudar aspectos relacionados à sexualidade do envelhecimento é sem dúvida estudar o nosso futuro e abrir possibilidades e perspectivas para um novo modo de ser, entender e constituir-se como sujeito singular, produtor de sentido e significado subjetivo, quanto a vida afetiva. Sabemos e temos consciência da importância que a sexualidade exerce sobre nossas vidas e nossos relacionamentos.

Esperamos também que este estudo venha contribuir com as Instituições que trabalham com o idoso, principalmente com a Universidade Aberta à Terceira Idade da UCG, na abertura de espaço de reflexão sobre a importância do significado da sexualidade do idoso, possibilitando que eles vivam de forma consciente a própria

sexualidade. Desejamos que os idosos tenham também condições de identificar e afastar as idéias estereotipadas e preconceituosas que a sociedade contemporânea ainda mantém sobre a sexualidade dos longevos.

A realização deste trabalho trouxe-nos muito prazer e gratificação, pois o contato com os sujeitos participantes possibilitou-nos compartilhar e vivenciar momentos singulares. Ao compreender, por meio do processo dialético, como a subjetividade da sexualidade dos longevos se constitui, geramos novos sentidos sobre o desenvolvimento da sexualidade, de que é um crescimento contínuo e que pode ser realizada sempre.

Concluimos ao longo do trabalho, que a sexualidade é mesmo um fenômeno multidimensional, onde existem interconexões múltiplas, os aspectos físicos, psicológicos e sociais são interdependentes, dessa maneira cada sujeito participante na sua singularidade e historicidade desenvolveu sua própria forma de vivenciar sua sexualidade conforme suas subjetivações no decorrer de sua história.

Comprendemos também que as expressões de afeto, carinho, sensação de aconchego, capacidade de amar e o desejo por intimidade não acabam em nenhuma idade, e que podem ser realizados por toda a vida e sua manifestação é vital para o desenvolvimento das pessoas de mais idade, proporcionando-lhes auto estima e realização pessoal.

Quanto aos sentidos da sexualidade: afetividade, auto-estima e companheirismo, presentes na história de um dos participantes, concluimos que podem fazer parte desta etapa de vida, dependendo do próprio sujeito, de sua subjetivação ao longo de suas experiências. Entendemos que esses elementos constitutivos de uma sexualidade saudável devem ser valorizados e desenvolvidos por todos.

A naturalização do declínio, do desejo sexual, pelo contrário, ou até mesmo exclusão da atividade sexual, (como nos outros casos) nos leva a concluir que mitos, preconceitos e tabus são muitas vezes assumidos pelas pessoas, dificultando que desenvolvam sua sexualidade na velhice.

### Referências Bibliográficas

- Almeida, A. M. O. (1999). A trama da vida: Maturidade e gênero. *Revista Humanidade*, 46, 120-131.
- Alves, B. (2002). *As cores do crepúsculo. A estética do envelhecer*. 3ª ed. São Paulo: Papirus.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC Editora.
- Bacelar, R. (1999). *Envelhecimento e produtividade: Processos de subjetivação*. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches – FASA.
- Baggio, M. C. (1990). Aspectos psicológicos da sexualidade do idoso. *Intercâmbio*, 3, 27-34.
- Baltes, P. B., Reese, H. W., & Lipsitt, L. P. (1980). Life-Span developmental psychology. *Ann. Rev. Psychol*, 31, 65-110.
- Beauvoir, S. (1970). *A velhice I. A realidade incômoda*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Bock, A. M. B., & Gonçalves, M. G. M. (2005). Subjetividade: O sujeito e a dimensão subjetiva dos fatos. Em: F. L. González Rey (Org(s).), *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia* (pp. 109-125). São Paulo: Thomson.
- Bosi, E. (1987). *Memória e sociedade. Lembrança de velhos*. São Paulo: Edusp.
- Bruno, Z. V., & Bruno, Z. V. (1998). Os efeitos da idade sobre a sexualidade. *Revista brasileira de sexualidade humana*, 9, 18-28.
- Butler, R. N., & Lewis, M. I. (1985). *Sexo e amor na terceira idade*. São Paulo: Summus.
- Capodieci, S. (2000). *A idade dos sentimentos: Amor e sexualidade após os sessenta anos*. Bauru, São Paulo: EDUSC.
- Cavalcanti, M. (1994). *Sexualidade na idade avançada*. *Revista brasileira de sexualidade humana*, 5, 138-139.
- Cavalcanti, M. (1998). Sexualidade feminina: Ontem, hoje e amanhã. *Revista brasileira de sexualidade humana*, 9, 35-44.
- Costa, F. G. (2001). *Representação social da velhice em idosos participantes de instituições para a terceira idade*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

- Covey, H. C. (1989). Perceptions and attitudes toward sexuality of the elderly during the middle ages. *Gerontologist*, 29, 93-100.
- Foucault, M. (1985). *História da sexualidade I: A vontade de saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal.
- Fraiman, A. P. (1994). *Sexo e afeto na terceira idade: Aquilo que você quer saber e não teve com quem conversar*. São Paulo: Gente.
- Fraiman, A. P. (1995). *Coisas da idade*. 4ª ed. São Paulo: Gente.
- González Rey, F. L. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios*. São Paulo: Thomson.
- González Rey, F. L. (2003a). *Sujeito e subjetividade: Uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thomson.
- González Rey, F. L. (2003b). *Epistemología cualitativa y subjetividad*. São Paulo: Educ.
- González Rey, F. L. (2004a). *Personalidade, saúde e modo de vida*. São Paulo: Thomson.
- González Rey, F. L. (2004b). *O social na psicologia e a psicologia social: A emergência do sujeito*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- González Rey, F. L. (2004c). O sujeito, a subjetividade e o outro na dialética complexa do desenvolvimento humano. Em: L. M. Simão., & A. M. Martínez (Org(s).), *O outro no desenvolvimento humano* (pp. 1-27). São Paulo: Thomson.
- González Rey, F. L. (2005a). O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. Em: F. L. González Rey (Org(s).), *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia* (pp. 27-51). São Paulo: Thomson.
- González Rey, F. L. (2005b). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação*. São Paulo: Thomson.
- Guattari, F. (1990). *As três ecologias*. Campinas, São Paulo: Papirus.
- Guattari, F. (1992). *Caosmose: Um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2000). *Censo Demográfico v.1* Rio Janeiro.
- Konder, L. (1992). *O que é dialética*. 23ª ed. São Paulo: Brasiliense.
- Kreutz, C. M., & Muller, A. (1999). Uma ótica das disfunções da excitação sexual: Um estudo de caso de disfunção erétil. *Revista brasileira de sexualidade humana*, 10, 253-272.

- Leontiev, A. (1964). *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Moraes.
- Libman, E. (1989). Socio-cultural and cognitive factors in aging and sexual expression: Conceptual and research issues. *Canadian Psychology*, 30, 560-567.
- Lopes, G. (1993). *Sexualidade humana*. Rio de Janeiro: MEDSI.
- Lopes, R. G. C. (2005). Século XXI: Os velhos ainda precisam ser “indignos”? Em: B. Corte., E. F. Mercadante., & I. G. Arcuri (Org(s).), *Velhice envelhecimento complex(idade)...psicologia, subjetividade, fenomenologia, desenvolvimento humano* (pp. 83-92). São Paulo: Vetor.
- Loureiro, A. M. L. (1999). Velhice: Encantos, desencantos, reencantos. *Revista Humanidades*, 46, 77-87.
- Martinez, A. M. (2005). A teoria da subjetividade de González Rey: Uma expressão do paradigma da complexidade em psicologia. Em: F. L. González Rey (Org(s).), *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia* (pp.1-25). São Paulo: Thomson.
- Mercadante, E. F. (1997). *A construção da identidade e da subjetividade do idoso*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Mercadante, E. F. (2005). Velhice: Uma questão complexa. Em: B. Corte., E. F. Mercadante., & I. G. Arcuri (Org(s).), *Velhice envelhecimento complex(idade)...psicologia, subjetividade, fenomenologia, desenvolvimento humano* (pp. 23-34). São Paulo: Vetor.
- Minayo, M. C. S. (1999). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. 6ª ed. São Paulo: Hucitec.
- Monteiro, P. P. (2001). *Envelhecer: Histórias, encontros, transformações*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Morin, E. (1996). Epistemologia da complexidade. Em: D. F. Schnitman (Org(s).), *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (pp. 274-286). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Morin, E. (2002). *O método 4. As idéias, habitat, vida, costumes, organizações*. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina.
- Morin, E. (2003a). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 8ª ed. São Paulo: Cortez.
- Morin, E. (2003b). *Ciência com consciência*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Neri, A. L. (1995). Psicologia do envelhecimento: Uma área emergente. Em: A. L. Neri (Org(s).), *Psicologia do envelhecimento: Temas selecionados na perspectiva de curso de vida* (pp. 13-40). Campinas, São Paulo: Papirus.

- Neri, A. L. (2001). *Maturidade e velhice: Trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas, São Paulo: Papirus.
- Neubern, M. S. (2005). A subjetividade como noção fundamental do novo paradigma: Breve ensaio. Em: F. L. González Rey (Org(s).), *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia* (pp. 52-79). São Paulo: Thomson.
- Oliveira, R. C. S. (1999). *Terceira idade: Do repensar dos limites aos sonhos possíveis*. São Paulo: Paulinas.
- Paula, J. T. S., & Cupolillo, M. V. (2005). Traçando caminhos para a compreensão da constituição subjetiva do envelhecer. Em: F. L. González Rey (Org(s).), *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia* (pp. 353-379). São Paulo: Thomson.
- Peres, V. L. A. (2005). O estudo da subjetividade na família: Desafios metodológicos. Em: F. L. González Rey (Org(s).), *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia* (pp. 311-333). São Paulo: Thomson.
- Ribeiro, A. (2002). Sexualidade na terceira idade. Em: M. Papaléo Netto (Coord.), *A velhice e o envelhecimento em visão globalizada* (pp. 124-135). São Paulo: Atheneu.
- Risman, A. (1999). Corpo–psique–sexualidade: Uma expressão eterna. Em: R. P. Veras (Org(s).), *Terceira idade: Alternativas para uma sociedade em transição* (pp. 161-172). Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Risman, A. (2005). *Sexualidade e terceira idade: Uma visão histórico-cultural*. Textos envelhecimento 8 (1). Retirado em 8 de setembro de 2005, da Scielo (Scientific Electronic Library On Line): [www. Scielo.br](http://www.Scielo.br).
- Skinner, B. F., & Vaughan, M. E. (1985). *Viva bem a velhice: Aprendendo a programar a sua vida*. São Paulo: Summus.
- Stoppe Júnior, A. & Louzã Neto, M. R. (1999). *Depressão na terceira idade*. 2º ed. São Paulo: Lemos.
- Veras, R. P. (2000). *Terceira Idade: Alternativas para uma sociedade em transição*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Vieira, E. B. (1996). *Manual de gerontologia: Um guia teórico-prático para profissionais, cuidadores e familiares*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Vygotsky, L. S. (1934/1998). *Pensamento e linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (1984/2002). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.



Zimerman, G. I. (2000). *Velhice: Aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artes Médicas.

**Anexo 1**  
**Completamento de Frases**

## Anexo 1

### Representação da Subjetividade - Técnica de Completamento de Frases.

Complete as frases a seguir de modo que elas expressem seus verdadeiros sentimentos, idéias ou opiniões. Procure não buscar respostas prontas e elaboradas. Não é necessário dar seguimento ao que escreveu anteriormente; sinta-se bem, as suas respostas serão tratadas de maneira sigilosa; seja simples e sincero.

Sujeito Participante: Zica

Minha vida hoje: *Está melhor tenho liberdade.*

Quisera saber: *Ter estudado para saber o melhor.*

O tempo mais feliz da minha vida: *O tempo de criança quando estudava.*

A minha principal preocupação: *É com minha vida devido à idade.*

Infelizmente não posso: (o sujeito participante não completou).

Minha adolescência: *Foi ótima meus pais me deram liberdade, mas também limites.*

Fracassei diante: *Nunca fracassei ante as dificuldades.*

Sinto que estou: *Sinto que hoje estou melhor, faço tudo que tenho vontade.*

Meu futuro: *Meu futuro considero pronto, fiz o que pude quando nova.*

Carinho de: *Não me falta, pois tenho bastante dos filhos.*

Em casa: *Faço o que eu posso.*

Tenho dúvidas sobre: *Sobre minha vida, será que fiz certo?*

Preconceitos de: *Não tenho me considero igual.*

Gostaria de: *Ser mais calma sou agitada.*

Limitação de: *Tenho limitação em casa, até nas palavras.*

Penso muito: *No filho mais velho que é alcoólatra.*

Hoje, eu: *Me sinto realizada.*

Quando cheguei: *Onde eu queria estudar.*

Meu casamento: *Encontrei dificuldades mais tudo venci.*

O que aprendi: *Aprendi com meus pais lutar para vencer.*

Não consegui: *Fazer o que eu gostaria, mas me sinto realizada.*

Meus sonhos: (o sujeito participante não completou).

Acho que: *O mundo está precisando reformar.*

Meu envelhecimento: *Está na cabeça de cada um, eu mesma acho que envelhece quem quer.*

Todos são: *Todos somos iguais.*

Faria-me bem se: *No mundo não houvesse crimes.*

Necessito de: *Forças para vencer, acho que tenho.*

Crença em: *Creio em Deus.*

Quem melhor: (o sujeito participante não completou).

Penso que: *Se combatesse o egoísmo o mundo seria melhor.*

Minha infância: *Foi ótima apesar das dificuldades, gostei.*

No futuro: *Só Deus sabe.*

Vou tentar: *Prosseguir como sou.*

Os amigos são: *Se são amigos de verdade são como irmãos.*

A religião: *Está na pratica do bem.*

É muito difícil: *É sim, mas com fé em Deus vence.*

Às vezes: *Me canso.*

As pessoas: *Vivem em dificuldades.*

Perdas de: *Muito difícil às perdas de entes queridos.*

A menopausa: *É a idade crítica da mulher, mais passa.*

Me deixa feliz: *Viver em paz com todos.*

O que detesto: *Mentiras.*

Sempre que posso: *Gosto de visitar alguém necessitado e doar alguma coisa.*

O mito: *Não tenho nenhum mito.*

O que eu mais gostaria: *De ter mais união entre famílias.*

Se eu pudesse: *Acabaria com a fome.*

A solidão: *Vivo bem com a vida por isso não tenho solidão.*

A fé: *Tenho Muita.*

As mulheres: *Hoje estão libertas para decidirem.*

A vida: *É uma continuação maravilhosa.*

Fiquei triste: *Quando perdi o meu marido, faz muita falta.*

As pessoas: *Não sabem mais o que querem.*

Não posso: *Ser indiferente a ninguém.*

Ilusão de: *É coisa sem futuro.*

Quando penso: *Na morte me dá medo.*

O companheirismo: *Às vezes é bom, mas pode ser ruim depende.*

Meu maior medo: *De ficar impossibilitada de lutar.*

O sexo: *É ótimo depende ser com a pessoa certa.*

Como sofro: *Por não poder ajudar todos que necessitam.*

A mãe: *Ser mãe é ser dupla mulher.*

Relacionamento é: *Bom, faz bem.*

Eu secretamente: *Gostaria que as coisas do mundo mudassem pra melhor.*

Este lugar: *Depende onde, aqui na terra é maravilhoso.*

Algumas vezes: *Chorei muito sem saber o porquê.*

A afetividade: *Gosto de dar e receber.*

A Terceira idade: *Vai chegando aos poucos, você se acostuma.*

Desejo de: *Ver o mundo com mudanças pra melhor.*

Gostaria de saber: *Se o mundo é bom, porquê as pessoas sofrem.*

Meu maior problema: *É querer mudar alguma coisa e não poder.*

A morte: *É normal.*

O trabalho: *É necessário para o homem.*

A sexualidade: (o sujeito participante não completou).

A felicidade: *É estar de bem com a vida.*

Tratei de conseguir: (o sujeito participante não completou).

Ao me deitar: *Me entrego ao Criador e rejo descansando.*

Meu maior prazer: *É ver os filhos felizes.*

Eu amo: *O universo com tudo que nele contém.*

O lar: *É tudo, é como o ninho.*

Penso que os outros: *Pudessem ser melhores.*

Meu maior tempo o dedico: *Nos afazeres do lar e leio.*

Sempre quis: *Vencer.*

Os homens: *Lutam para serem melhores.*

O pai: *O responsável pelos filhos.*

Como odeio: *Desconheço, não sei odiar, acho pesado.*

Doença é: *A maior dificuldade.*

Minha opinião: *Não acabar com os campos.*

Freqüentemente sinto: *Vontade de estar bem com todos.*